

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Programa de Pós-graduação em Comunicação

Gabriela de Araujo Carvalho

**A REPRESENTAÇÃO DA PROFESSORA NA FICÇÃO SERIADA
TELEVISIVA: UMA ANÁLISE DA SÉRIE “SEGUNDA
CHAMADA”**

SÃO PAULO
2023

Gabriela De Araujo Carvalho

**A representação da professora na ficção seriada televisiva: uma
análise da série “segunda chamada”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero (FCL) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação na Contemporaneidade;

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Imagem e Entretenimento.

Orientação: Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino

SÃO PAULO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Prof. José Geraldo Vieira

Carvalho, Gabriela de Araújo

A representação da professora na ficção seriada televisiva : uma análise da série "Segunda Chamada". / Gabriela de Araújo Carvalho -- São Paulo, 2023.

94 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino

1. Ficção seriada. 2. Normatização docente. 3. 4. Professora 5. Representação docente I. Martino, Luís Mauro Sá. II. Faculdade Cásper Líbero, Mestrado em Comunicação. III. Título.

CDD 302.234 5

Bibliotecária responsável: Cláudia Luísa Siqueira - CRB 8/10260

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTORA: GABRIELA DE ARAUJO CARVALHO

A REPRESENTAÇÃO DA PROFESSORA NA FICÇÃO SERIADA TELEVISIVA: UMA ANÁLISE DA SÉRIE “SEGUNDA CHAMADA”

Documento assinado digitalmente
 **TARCYANIE CAJUEIRO SANTOS**
Data: 03/07/2023 07:02:37-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Profa. Dra. Tarcyanie Cajueiro Santos
Universidade de Sorocaba - UNISO

Documento assinado digitalmente
 **MARLI DOS SANTOS**
Data: 30/06/2023 10:44:00-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Profa. Dra. Marli dos Santos
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Documento assinado digitalmente
 **LUIS MAURO SA MARTINO**
Data: 28/06/2023 13:46:46-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 20 de junho de 2023

“Fadas ou bruxas, dragões ou gnomos, gigantes ou anões, temos uma herança da qual somos nós os guardiões.”

Eliane Marta Teixeira Lopes

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Luiz, meu mais agradável interlocutor, quem não cansa de me dar suporte e incentivo. Aos meus pais, por terem dedicado tempo e esforço em favor da minha educação. Aos amigos e amigas com quem pude trocar ideias e angústias ao longo do processo. À prof.^a dr.^a Michelle Prazeres por ter sido minha companhia durante parte desta pesquisa e aos profs. drs. Luís Mauro Sá Martino e Marli dos Santos, cujo trabalho foi fundamental para a conclusão desse processo.

RESUMO

Esta pesquisa investiga a representação da professora na ficção seriada televisiva contemporânea em relação a uma normatização da imagem da profissional no Brasil do século XIX. Por meio do mapeamento de alguns atributos exigidos dessas docentes que inauguraram a categoria e fazendo uso da análise de conteúdo, analisamos a personagem Lúcia, na primeira temporada da série “Segunda Chamada”, exibida em televisão aberta, pela Rede Globo, em 2019. Em diálogo com aspectos do conceito de estereótipo, de Lippmann, e em intersecção com pontos da ideia de representação, em Hall, observa-se que a normatização de uma professora ideal encontra reelaborações, mas também muitos ecos na representação contemporânea.

Palavras-chave: Ficção seriada. Representação docente. Professora. Normatização docente.

ABSTRACT

This research investigates the representation of female teachers in contemporary serialized television fiction in relation to the normalization of the professional image in 19th century Brazil. By mapping some of the attributes required of these pioneering educators and employing content analysis, we analyze the character Lúcia in the first season of the series "Segunda Chamada," which aired on open television by Rede Globo in 2019. In dialogue with aspects of Lippmann's concept of stereotypes, intersecting with points from Hall's idea of representation, it is observed that the normalization of an ideal teacher undergoes reworkings but also finds many echoes in contemporary representation.

Keywords: Serialized fiction. Teacher representation. Female teacher. Teacher normatization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Foto do elenco de “Segunda Chamada”	49
Figura 2: Sala de aula com névoa	52
Figura 3: Teto da escola com névoa	53
Figura 4: Lúcia (Debora Bloch) na janela	54
Figura 5: Lúcia (Debora Bloch) escrevendo sentada à mesa	55
Figura 6: Lúcia (Debora Bloch) e Jaci (Paulo Gorgulho) se entreolhando	57
Figura 7: Sônia (Hermila Guedes) e Eliete (Thalita Carauta) na sala dos professores	59
Figura 8: Marco André (Silvio Guindane) comendo	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Atributos esperados da professora no século XIX

43 |

SUMÁRIO

11	INTRODUÇÃO
24	1. CAPÍTULO 1: ESTEROTIPAÇÃO E DOCÊNCIA FEMININA
24	1.1. Repetições: uma primeira percepção na literatura e na ficção televisiva
26	1.2. O estereótipo: breve conceituação
31	1.3. A professora mulher e as heranças a partir do século XIX
42	1.4. As características que se repetem
45	2. CAPÍTULO 2: RESSONÂNCIAS E LIMITES DO ESTEREÓTIPO NA SÉRIE “SEGUNDA CHAMADA”
48	2.1. “Segunda Chamada”
49	2.2. Lúcia e os outros profissionais da escola
60	2.3. As categorias de análise
63	2.3.1. Um “eu” humilde e subjugado
71	2.3.2. Uma sujeita que afeta e é afetada a partir do amor
74	2.3.3. Atenção e alerta ao ambiente ao redor
77	2.3.4. As formas de apresentação desse “eu”
83	2.3.5. Maternidade
87	CONSIDERAÇÕES FINAIS
89	REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

A constante investida em uma educação que promova um olhar generoso e plural para o corpo discente tem ganhado espaço em diferentes segmentos — acadêmicos ou não — no Brasil contemporâneo. Essa busca pela diversidade sociocultural pauta, hoje, documentos oficiais e pode ser vista, por exemplo, na lei nº11.645, de 2008. Essa lei é uma alteração da anterior, nº10.639, e prevê que estejam em sala de aula variados aspectos culturais e históricos “que caracterizam a formação da população brasileira”¹, orientando o fazer educacional como um todo. O documento torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio.

Considerar, então, que estudantes não apenas compõem um conjunto heterogêneo que deve ser representado nas práticas de ensino, mas também que deve examinar as diversidades no espaço escolar como disciplina, dessa forma, faz parte do que contemporaneamente se difunde no senso comum da educação. No entanto, talvez essa mesma diversidade étnica e visual que vem ocupando esses espaços, esse mesmo respeito às pluralidades culturais, não corresponda a um acolhimento de uma diversidade de modos de ser docente.

Em sala de aula há mais de 15 anos na educação privada focada em vestibular, que atende jovens majoritariamente entre 17 e 25 anos, venho observando com curiosidade as exigências que recaem sobre a professora mulher, geralmente em menor número na sala dos professores. Espera-se, divulgada ou tacitamente, que performem características como passividade ou abnegação, por exemplo.

Embora esse movimento se dê de muitas maneiras, é reforçado por um mecanismo neoliberal de “avaliação do produto”, em que o corpo discente avalia o corpo docente por meio de questionários pré-estruturados, de onde se tiram regras e normas de comportamento para melhorar a relação com o cliente. É comum, porém, que, na única questão aberta disponível a quem avalia, apareça sensivelmente mais voltada para professoras mulheres a expectativa por mais paciência e por mais disponibilidade durante os horários de intervalo. Importante observar que esse segmento do ensino se distancia muito do infantil e que diferentes movimentos de

¹ Texto da lei disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html>>. Acesso em 02 de abril de 2023.

revolta ou contestação envolvendo as condições de trabalho dos professores já estiveram em curso na História brasileira dos últimos séculos.

Não é incomum, também, que em treinamentos internos dessas instituições que oferecem o pré-vestibular, um curso livre, sejam sugeridos às docentes comportamentos ideais no trato com os estudantes e vestimentas adequadas que não comprometam a relação com o aprendizado. Ainda que o incômodo que dá forma a esta pesquisa tenha sua origem, portanto, nesse cotidiano profissional, o pré-vestibular não é nosso foco. Essa normatização parece ser compartilhada entre muitas docentes no país — em diferentes segmentos de ensino — e se inserir em uma tradição que permitiu historicamente que alguém ocupasse a profissão.

Dados do Censo Escolar da Educação Básica coletados entre 2018 e 2022² atestam o compartilhamento de uma realidade: mulheres estão em sala de aula, mas estão mais em alguns segmentos do que em outros. Eles mostram que atuam, hoje, na educação infantil brasileira, 657 mil docentes, dos quais 96,3% são mulheres. O mesmo estudo aponta que nos anos iniciais do Ensino Fundamental são 87,8% as docentes mulheres. Quando se trata de Ensino Médio, o cenário se modifica sensivelmente: caem para 57,5% as profissionais do gênero feminino.

A tendência parece ser, então, a diminuição da presença da docência feminina conforme esses segmentos distanciam-se das fases iniciais de escolarização. O Censo do Ensino Superior de 2021³ mostra que dentre os professores universitários, apenas 47% são mulheres. Há algo, então, que na atualidade ainda pense a educação básica como tarefa feminina mais do que a educação superior? Como essa ideia circula e se mantém? Não pretendemos ir em busca de resposta para todas essas perguntas, mas sim apontá-las como desencadeadoras de dúvidas que culminam em nossa pesquisa. Embora essa presença feminina vá se diluindo, porém, talvez nem todas as expectativas tradicionais sobre a personalidade e o comportamento de professoras mulheres desapareçam mesmo longe da educação infantil. Tratemos, assim, dessa tradição.

Procurar o início de algo é sempre tarefa hercúlea. Nossa pesquisa começou, dessa forma, procurando compreender o que há sobre o assunto na História da Educação. Rosemberg, Piza e Montenegro organizam um estado da arte sobre a mulher e o ensino no Brasil cobrindo

² Dados disponíveis em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>>. Acesso em 04 de abril de 2023.

³ Dados disponíveis em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>>. Acesso em 05 de abril de 2023.

o período entre 1975 e 1989. No texto, as autoras identificam produções desse íterim que tiveram como objeto, de alguma forma, a professora. Esse estudo nos interessa porque alguns deles que tiveram como objeto o ambiente escolar ventilam a possibilidade de que certos atributos exigidos das primeiras mulheres docentes seguiram silenciosamente produzindo uma espécie de rastro. Em tempos diferentes, em espaços diferentes e, portanto, com atravessamentos também diferentes, essas mulheres são descritas sob as perspectivas social, moral, religiosa, econômica, política e doméstica de tal forma que pontos de vista plurais sobre não apenas sua entrada em sala de aula, mas sua permanência nelas nos últimos séculos pudessem ser debatidos.

A título de exemplo, em sua tese de doutoramento, Guiomar Mello⁴, elencada neste estado da arte, expõe que se num dado momento a escolha das mulheres pelo magistério não se explica pelas condições materiais que este pode promover, a ideia de “vocação” é mobilizada como um discurso dissimulador que colaboraria para justificar a maciça presença feminina nos espaços escolares, sobretudo os de educação infantil na década de 1980.

Maria Eliana Novaes em sua dissertação de mestrado⁵ também presente nesse estado da arte, quis compreender o que motivava jovens meninas a prestarem o vestibular para adentrarem o Instituto de Educação de Minas Gerais. “Vocação”, em sua pesquisa, também apareceu diversas vezes como justificativa após o agrupamento de uma série de respostas. Para a pesquisadora, o resultado aponta em direção à reprodução do discurso que sustenta o estereótipo de que a sala de aula é, por excelência, o espaço da mulher e que, além disso, a prática docente se assemelha a uma prática religiosa. As mesmas entrevistadas, quando questionadas se teriam feito a mesma opção caso fossem homens, responderam majoritariamente que não, tanto porque poderiam procurar profissões que remunerassem melhor quanto porque, segundo elas, a mulher é mais meiga e carinhosa.

Os trabalhos que tratam das expectativas sobre as professoras há poucas décadas não desviam, em nenhum momento, de tentar resgatar de onde vêm as ideias que continuam a rondar um certo “ser professora”. São Maria Cristina A. Bruschini *et* Tina Amado (1988); Zeila de Brito Fabri Demartini *et* Fátima Ferreira Antunes (2013); Guacira Lopes Louro (1997, 2020 e

⁴ A tese é intitulada “A prática docente na escola de primeiro grau: do amor, acusação e bom senso a competência técnica e vontade política.” e foi defendida em São Paulo, em 1981, pela PUC/SP.

⁵ A dissertação é intitulada “Professora primária - mestra ou tia?” e foi defendida em Belo Horizonte, também em 1981, na UFMG.

2022) e Eliane Marta Teixeira Lopes (2017) algumas das pesquisadoras a que recorreremos para tentar compreender um pouco mais da origem do que funda uma tradição e, eventualmente, um estereótipo. Isso porque suas pesquisas concentram descrições a respeito das primeiras docentes no Brasil.

Bruschini e Amado (1988) escrevem num momento em que consideram não haver ainda muitas pesquisas articulando educação e os estudos sobre a mulher no país. O texto “Estudos sobre Mulher e Educação: Algumas Questões sobre o Magistério” aparece, por isso, como uma referência importante em textos posteriores que tratam do tema. Demartini e Antunes (2013) escrevem sobre o magistério ser uma carreira masculina, mas uma profissão feminina.

A partir de um percurso histórico, as autoras comparam as trajetórias de homens e mulheres envolvidos com a educação desde o Brasil Colônia, anterior às regulamentações que permitiram a docência feminina. As autoras apontam para as destacadas desigualdades e para uma normatização dos corpos e dos imaginários femininos. Seus trabalhos nos foram, por isso, de grande inspiração.

Louro (2020), além de discorrer a respeito das normas sociais e morais do início do século XIX, comenta a primeira lei que regulamenta a entrada das mulheres em sala de aula, no final da década de 1820; nela, poderiam ser “mestras” (termo utilizado à época para referir-se a diferentes graus de docência) aquelas que fossem honestas, prudentes e dignas além de saberem coser e bordar. Cem anos depois, aponta ela, quando o magistério já era visto como um caminho predominantemente feminino, entendeu-se que seria como uma extensão da maternidade, como o destino quase natural de toda mulher.

Lopes (2017), por sua vez, é quem, a partir de um artigo intitulado “Casa da Providência: uma escola mineira do século XIX” e de intenso diálogo com outros historiadores da pedagogia, decide mergulhar nas origens da concepção redentora dessa educação e, em seu projeto de pós-doutorado, viaja a Paris em busca das causas e das causas das causas. Reunindo uma série de registros que vão desde documentos oficiais a discursos de paraninfos e manifestações midiáticas (há dezenas de trechos de jornais listados por ela), a autora mostra a aproximação frequente entre a docência e o trabalho religioso como herança francesa, mas foca sua atenção nas produções brasileiras a partir de 1827.

Um exemplo listado por ela — retirado da “Revista do Ensino” —, que nos permite acessar essa relação, é um texto direcionado à mulher que sai de casa para trabalhar:

... trabalho fora do lar... sentido idêntico e cumpre não perdê-lo para que nunca se desvirtue a tua missão de mulher... Mulher que trabalha, se lutares assim respeitando as leis da natureza de que Deus te dotou — serás para esta Pátria que tanto amamos um símbolo de coragem, de abnegação e de fecundidade. (ibid. p. 118).

Estão também presentes no *corpus* organizado por Lopes (2017) outros veículos midiáticos mineiros que trataram, entre os séculos XIX e XX, da figura da professora, colaborando para a composição dessa tradição. “O Estado de Minas” e “O Diário de Minas”, jornais de ampla circulação no estado de Minas Gerais; a “Revista Brasileira de Pedagogia”, periódico com recorte de campo; e “O Providência”, jornal interno do Colégio Providência de Mariana, são alguns desses veículos listados, com seus respectivos exemplos de textos sobre professoras.

Dessa maneira, há em seu trabalho um recorte espacial e temporal que instiga sobre o interesse da mídia por essa profissão também ao longo da história e seu papel na construção e reprodução de representações e expectativas. A investigação bibliográfica, então, nos guiou até o momento histórico em que um marco legal é instituído, ponto que tomaremos como norteador de uma tradição que se desenvolve e parece se estender pelos séculos seguintes também com a participação dos veículos midiáticos.

Não é difícil encontrar, atualmente, a partir de uma busca rápida na internet, sites que divulgam notícias e comentários sobre o universo da televisão que possam comprovar que a mídia ainda se interessa pela representação da professora. Neles, vez ou outra, circulam listas de professores(as) marcantes na dramaturgia ou nos humorísticos sob títulos como “Dez professores inesquecíveis da história da televisão”⁶ ou “Ao mestre com carinho: 15 professores inesquecíveis das novelas”⁷. Em qualquer que seja a lista, é pouco provável que estejam de fora figuras como a Professora Helena, da novela infantil “Carrossel”, ou o Professor Raimundo, do humorístico “Escolinha do Professor Raimundo”, presentes no imaginário popular.

⁶ Matéria disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/dez-professores-inesqueciveis-da-historia-da-televisao-24016928.html>>. Acesso em 02 de abril de 2023.

⁷ Matéria disponível em: <<https://tvhistoria.com.br/15-professores-inesqueciveis-das-novelas/?cpid=txt>>. Acesso em 02 de abril de 2023.

Às vezes, como no caso da Professora Helena, a representação da imagem tradicional é um pouco mais explícita e parece visar à manutenção de um estereótipo; outras vezes, como ocorre com a Senhorita Morello, professora do sitcom estadunidense “Todo Mundo Odeia o Chris”, um sucesso na nossa programação televisiva nacional⁸ há mais de 15 anos, vale-se da tradição a fim de ironizá-la, de salientar que é possível encaixar discursos racistas sob o manto da pureza.

É nessa televisão aberta da contemporaneidade que nossa curiosidade se concentra. São mais de 90% dos domicílios brasileiros que, hoje, têm televisão e é ao redor dela que parte da socialização das famílias se dá. Sem o intuito de propor que na mídia circulam significados diferentes daqueles que circulam socialmente, queremos, por outro lado, identificar e analisar as expressividades que se dão nesse meio de comunicação que faz parte de uma vida social complexa. É também a responsabilidade dessa mídia na manutenção de uma tradição que vemos como problemática que nos interessa.

É por isso que ressaltamos que nos inquieta, desde o princípio deste trabalho, o uso político e acrítico de determinadas repetições sobre o tema. Uma peça publicitária do Governo Federal, veiculada em televisão aberta⁹, por exemplo, cujo foco era a valorização dos professores, mobilizou em seu discurso alguns dos atributos repetidos sobre tais profissionais: o(a) professor(a) é fonte de inspiração, transforma pessoas, constrói cidadãos; seu maior presente é o sucesso do aluno etc. É, sob tal olhar, uma profissão de entrega pura (palavra propositalmente ambígua nesse contexto). Ser professora é, então, ainda hoje, estar sempre disposta à entrega? Os conhecimentos de ordem intelectual necessários à prática profissional, nesse sentido, deixam de ser importantes? Mais uma vez, devido à natureza desta pesquisa, não conseguiremos dar atenção a todas as dúvidas que nos surgem, mas optamos por expô-las ao longo desta apresentação a fim de estimular a atmosfera de inquietações que nos envolve. Nosso recorte, como explicitaremos adiante, será um tanto mais restrito ao que o tempo e a extensão do trabalho nos permitem.

Para a construção do percurso a que nos propusemos, fazem-se necessários o diálogo e a interdisciplinaridade entre os campos da Comunicação e da Educação. A imagem da

⁸ Disponível em: <<https://www.metropoles.com/columnas/leo-dias/record-recorreu-a-todo-mundo-odeia-o-chris-durante-ataque-hacker>>. Acesso em 02 de abril de 2023.

⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5B-IFkLuZKU>>. Acesso em 01 de abril de 2023.

docência ideal, embora seja constantemente objeto de estudo na Pedagogia e na Psicologia, tem sido, paralelamente, objeto também das Ciências da Comunicação. A justificativa é que, com frequência, a imagem de docentes ideais, ou pelo menos lidas como verossímeis, é encontrada representada nas mídias.

Jaime Cordeiro, professor de Didática na Faculdade de Educação da USP, cujas pesquisas sobre as representações escolares têm origem no campo da Educação, em seu livro “Cultura da Mídia e Educação: Relações Cruzadas”, organiza uma coletânea de estudos que visa mostrar perspectivas ainda abertas sobre a relação entre o que chama de “poderosa cultura da mídia” e o ambiente escolar. As formas de representação da escola, dos estudantes e dos professores são foco de parte do trabalho, que analisa programas como “Castelo Rá-Tim-Bum”, “Escolinha do Professor Raimundo” e “Malhação”.

Por outro lado, Adilson Citelli, professor da Escola de Comunicação e Artes da USP, organiza um livro com uma coletânea de artigos em que essa representação docente é verificada a partir do campo da Comunicação. Os textos se valem das imagens de professores e professoras contemporaneamente em propagandas, em discursos políticos ou jornalísticos e em ficções televisivas, por exemplo, e o resultado é um espectro plural de conjuntos de atributos que são mobilizados para as representações (desde o uso de acessórios — como os óculos — a uma postura punitiva, dentre outras possibilidades). Esse plural, porém, não exclui totalmente a imagem da primeira professora mulher, que aparece nas pesquisas preliminares como tradicionalmente meiga, dócil e abnegada; então talvez haja algo que perdure e que ainda seja mobilizado midiaticamente.

Joanise Levy da Silva, professora no curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás, também percorreu a representação docente lançando sua visão desde o campo da Comunicação. Em sua dissertação de mestrado, intitulada “O Professor como Personagem na Telenovela: Identidade Docente e Interação com a Imagem na TV”¹⁰ buscou saber se o docente da “vida real” se identifica com o docente representado na televisão a partir de uma pesquisa de recepção com o aporte teórico dos estudos culturais de recepção, na perspectiva de Martín-Barbero (1998; 2001; 2003; 2004) e Orozco Gómez (1997). A pesquisa

¹⁰ Disponível em:

<https://www.academia.edu/17609006/O_Professor_como_Personagem_na_Telenovela_Identidade_Docente_e_Intera%C3%A7%C3%A3o_com_a_Imagem_na_TV>. Acesso em 05 de abril de 2023.

conduz para a importância dos termos “protagonismo” e “coadjuvância”, presentes nas respostas que obtive, e sua conclusão é de que tão importante quanto o personagem professor em si é a posição que ele ocupa na trama.

É com base na sugestão de que a mídia também contribui para a manutenção de determinados traços da docência, que a ficção seriada televisiva surge como nosso local de investigação, dados a potência e o alcance dos estereótipos que reproduz. É objetivo desta pesquisa, assim, inserir-se nesse diálogo que cruza Educação e Comunicação investigando brevemente quais foram os atributos exigidos da mulher que adentrou as salas de aula brasileiras no século XIX, pela primeira vez na história do país, e, então, analisar se esses mesmos atributos que dela foram exigidos ainda circulam como um estereótipo social, especificamente na representação midiática de professoras. A pergunta que nos conduz, dentre as muitas que nos inquietaram, é: *é possível encontrar aproximações e ecos entre uma idealização histórica da figura da professora e suas representações na ficção seriada televisiva contemporânea?*

Para tanto, organizamo-nos metodologicamente em torno de um estudo bibliográfico que nos fornecesse dados e acesso a documentos sobre essa normatização da docência feminina em sua origem brasileira (com os traços de cor e classe social que a envolvem, inclusive). Com o intuito de avaliar se essa norma se reconfigura enquanto estereótipo, valemo-nos de uma revisão bibliográfica que nos conduziu à origem do termo “estereótipo” há um século e a alguns diálogos posteriores que igualmente nos interessam. Por fim, organizamos os principais atributos que aparecem de forma recorrente na primeira etapa do trabalho em categorias, de forma a considerar que constituem um estereótipo de professora relativamente estável que é composto menos de fronteiras rígidas e mais de uma atmosfera semântica.

Em posse de um aparato teórico que não pretende esgotar nem os registros históricos nem a noção de estereótipo, propomos uma análise de conteúdo em um produto midiático: a série “Segunda Chamada”, o produto televisivo ficcional mais recente da Rede Globo cuja locação principal é uma escola. Ambientada na sociedade atual, foi vencedora do prêmio APCA (Associação Paulista dos Críticos de Artes) de televisão em 2019 nas categorias “Melhor série” e “Melhor atriz”. Quem conquista o prêmio pela atuação é Débora Bloch, que interpreta a personagem de maior destaque: a professora de Língua Portuguesa, Lúcia, nosso principal objeto.

“Segunda Chamada” é uma série escrita por Carla Faour e Julia Spadaccini baseada na peça teatral “Conselho de Classe”, de Jô Bilac, dramaturgo brasileiro. É produzida pela Rede Globo e coproduzida pela O2 Filmes, produtora independente, responsável por filmes como “Cidade de Deus”, dirigido por Fernando Meirelles. A emissora, que também exibiu a série, é a que recebe a maior parte da audiência do país por ser a maior e mais consolidada do Brasil (MOREIRA, 2012) e, sendo assim, as imagens que veicula têm um alcance também muito grande. Na exibição na televisão aberta em 2019, exceto na semana de estreia, a primeira temporada obteve média de 21 pontos de audiência, mantendo-se presente no TOP 10 da emissora durante quase todo o tempo em que esteve no ar¹¹.

A trama se passa na fictícia escola estadual Carolina Maria de Jesus, que oferece Educação de Jovens e Adultos (EJA) em período noturno e é localizada na periferia de São Paulo. Embora a escola seja fictícia, a percepção é a de que a produção procura o realismo na representação do ensino público brasileiro. O jornalista Raphael Scire (2019), em texto publicado no UOL sobre a série, considera que ela “mantém um pé na realidade para fisgar seu público”¹². A respeito de técnicas que podem contribuir para essa sensação de verdade, Marcelo Bulhões (2009) aponta a “focalização externa”, uma escolha narrativa sem incursões no universo psicológico das personagens, e afirma que a câmera em uma produção audiovisual pode apresentar-se como um “vértice imperceptível”, cujo resultado favorece a sensação de realidade. A focalização externa, embora não seja a única técnica da produção, é majoritária na obra. As poucas situações em que a focalização é outra dizem respeito ao universo onírico da protagonista, a única personagem a cuja imaginação temos acesso.

“Operando com uma impressão de verdade, algumas vezes a ficção arditosamente busca nos iludir de que não é ficção” (BULHÕES, 2009, p.30) e esse parece ser o caso desta série. A resenha de Thiago Ferreira (2019) no Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Educação (TRACC)¹³ aponta que esse realismo talvez seja uma tendência porque tem sido buscado pela emissora também em séries como “Sob Pressão” — que se passa em um hospital público — e “Carcereiros” — que se passa em uma penitenciária. A força desse realismo é ainda maior quando os episódios são encerrados por depoimentos de alunos e

¹¹ Disponível em: <<https://kantariopemedia.com/?s=segunda+chamada>>. Acesso em 05 de abril de 2023.

¹² Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/series/realista-e-muito-tensa-segunda-chamada-cria-problema-para-globo-30232?cpid=txt>>. Acesso em 05 de abril de 2023.

¹³ Disponível em: <<http://tracc-ufba.com.br/sem-categoria/segunda-chamada-educacao-e-minorias-na-escola-de-jovens-adultos-da-globo/>>. Acesso em 05 de abril de 2023.

educadores não-ficcionais que corroboram parte da ficção, a qual conta com frequentes eventos trágicos e constantes e diversas situações de intolerância (resolvidas ao final dos episódios, sem retornarem).

A primeira temporada, selecionada para esta pesquisa, é composta de 11 episódios de aproximadamente 40 minutos cada, identificados na plataforma Globoplay apenas pelos números correspondentes¹⁴, ou seja, não apresentam títulos específicos. O título da série, por sua vez, faz referência a uma segunda oportunidade de engajamento com os estudos, à volta para a sala de aula em busca dessa oportunidade de acessar um ensino de qualidade que não ocorreu na tradicional idade escolar. Nesse sentido, ela se propõe a retratar as dificuldades e os desafios enfrentados por aqueles que buscam uma segunda chance na vida acadêmica, em um contexto social marcado por profundas desigualdades e injustiças. O título, portanto, assume um sentido metafórico que evoca a ideia de redenção e renovação, de um novo começo para aqueles que acreditam que a educação pode ser uma ferramenta poderosa para a transformação pessoal e social.

Já o nome atribuído à escola, "Carolina Maria de Jesus", é uma homenagem à escritora do livro "Quarto de Despejo", a primeira mulher negra a ter uma obra literária publicada no Brasil. No primeiro episódio, há uma cena em que a professora Lúcia utiliza essa referência histórica para ajudar a reconciliar duas alunas em conflito, ressaltando a relevância social e cultural da autora e estabelecendo uma conexão entre a história da literatura, a experiência das mulheres negras no país e a realidade de seus alunos e alunas na sala de aula. Desse modo, o nome da escola assume uma dimensão simbólica mais ampla, como um emblema de resistência e luta contra o racismo e a exclusão, ao mesmo tempo em que presta homenagem a uma das grandes vozes da literatura brasileira e da história das mulheres negras no país.

A escolha de homenagear uma mulher negra e de enfatizar a importância da EJA (Educação de Jovens e Adultos) dialoga com uma visão progressista de futuro. Isso se justifica pelo fato de que a EJA, frequentemente negligenciada pela sociedade, tem registrado, ano após ano, uma queda no número de matrículas, conforme dados do Censo Escolar de 2021¹⁵. Ao

¹⁴ Visão geral da série disponível em: <<https://globoplay.globo.com/segunda-chamada/t/DYpvss7pz5/>>. Acesso em 05 de abril 2023.

¹⁵ Documento disponível em: <https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2021/apresentacao_coletiva.pdf>. Acesso em 10 de abril 2023.

abordar essa temática em um produto midiático, é possível lançar luz sobre questões e problemas que afetam não somente a educação, mas também outras esferas da vida dessas pessoas que buscam na EJA a esperança de mudanças significativas. Dessa maneira, a série assume uma dimensão crítica e propositiva, ao mesmo tempo em que se torna um instrumento de sensibilização e conscientização sobre as complexas e multifacetadas demandas educacionais de uma sociedade diversa e desigual.

Embora seja professora na Educação de Jovens e Adultos, Lúcia declara no *teaser* de apresentação da personagem, disponível no canal do Youtube da própria emissora¹⁶: “eu aprendo muito com meus alunos; cada um é como se fosse filho meu mesmo”. É mirando na representação desse vínculo entre docência feminina e maternidade nas produções televisivas do século XXI, e na representação repetitiva de outros atributos que dialogam diretamente com as descrições das primeiras professoras brasileiras, que escolhemos a trama.

De acordo com Arlindo Machado (2000), que propõe que a televisão pode ser digna de paixão e, por que não, de compor-se como objeto de estudos acadêmicos,

Na produção comercial mais banal (os chamados 'enlatados'), os esquemas narrativos que se repetem costumam ser estereótipos, protótipos elementares ou padrões simples e previsíveis [...] Mas em condições de produção mais privilegiadas, é possível encontrar estruturas seriadas realmente interessantes, nas quais a repetição torna-se, como na música minimalista, a condição inaugural de uma nova dramaturgia. (p.89)

Dessa forma, queremos entender, portanto, se o imaginário construído na série corrobora uma certa lista de atributos que vem sendo descrita ao longo da História da Educação; ou seja, quer-se saber se se vale de alguns deles, se os ignora ou se os reconfigura, dado que a série, nesse contexto, poderia ser uma dessas produções “mais privilegiadas”. Acrescentamos, ainda, a convergência com o pensamento de Freire Filho, para quem:

A disseminação, pelos meios de comunicação de massa, de representações inadequadas de estrangeiros, classes sociais e outras comunidades é destacada como um sensível problema para o processo democrático, cujo desenvolvimento demanda a opinião esclarecida de cada cidadão a respeito de questões capitais da vida política e social. (FREIRE FILHO, 2004, p.47)

¹⁶ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5fOoqOLxM1c>>. Acesso em 01 de abril de 2023.

No primeiro capítulo, então, a fim de que apresentemos a priori nosso diálogo com os referenciais teóricos, procuramos compreender o que é um estereótipo para que possamos, a partir desse conceito, trabalhar com as questões que envolvem sua manutenção.

É Walter Lippmann quem nos dá a primeira base teórica a respeito dos estereótipos. Tendo em vista nossos objetivos, a conceituação proposta por Lippmann em 1922 se mostra ainda muito atual e pertinente, pois ao desenvolver as maneiras como os estereótipos se formam e suas principais consequências, fornece-nos linguagem para organizar o que pudemos observar empiricamente. Stuart Hall, por sua vez, ao reforçar mais contemporaneamente que a mídia escolhe as imagens que deseja reproduzir com frequência e rapidez, adiciona camadas que igualmente nos interessam por colaborarem com a sugestão de que seria possível escolher outros estereótipos — ou nenhum deles.

Isso porque sobre a professora imagina-se, cria-se, fantasia-se. As representações veiculadas, porém, em contínuo movimento reflexivo — no sentido de espelhar os atributos — não são meras representações descritivas do que se é na realidade, mas descrições também criadoras, constituintes dessas mulheres. Ao serem reproduzidas em diferentes espaços e mídias, naturalizam-se as características às quais se recorre quando se precisa representar uma professora.

Em seguida, apresentamos informações e dados históricos sobre a entrada das mulheres em sala de aula no Brasil bem como algumas interpretações que podem ser feitas sobre esse período e sobre os mecanismos utilizados. A partir da identificação de recorrências nos textos históricos e do contato com outras pesquisas sobre o tema, notamos que aquilo que se inicia historicamente como norma, como regra, ao ser absorvido silenciosa e acriticamente, pode, quem sabe, estabelecer-se como estereótipo.

Foi se naturalizando, dessa forma, uma “professora ideal”. Assim, organizamos as expectativas sobre a professora mulher no século XIX em uma tabela de atributos observáveis, componentes de um certo estereótipo que queremos delimitar, com suas respectivas explicações para uso posterior como categorias de análise. A tabela está presente no final do capítulo.

No segundo capítulo, nos debruçamos sobre a primeira temporada da série “Segunda Chamada”. A partir da nuvem semântica que os atributos que compõem cada categoria nos

permitem habitar, procuraremos cenas, episódios, falas e ações de Lúcia — mas também das outras personagens que contracenam com ela — que dialoguem com a idealização. A intenção é que possamos, assim, identificar e compreender quais são as situações em que a tradição se faz presente como um estereótipo reproduzido ou como eventual desconstrução dele.

Interessam a nós os mecanismos utilizados para evidenciar a docência feminina com tudo aquilo que se repete. Por fim, a interpretação e a organização dos dados têm como finalidade a conclusão sobre a reiteração ou não desses atributos na ficção seriada televisiva contemporânea.

CAPÍTULO 1: ESTEROTIPAÇÃO E DOCÊNCIA FEMININA

Este capítulo tem por objetivo tratar de estereótipos e de sua relação com a docência feminina; queremos dar ênfase a um processo de repetição na representação midiática de docentes e pensar sobre ele. Começaremos com uma sensibilização do olhar que tem um atributo específico — a “pobreza” dos professores — como foco. Não temos, porém, a intenção de aprofundar este atributo específico, queremos apenas lançar uma primeira luz para as possíveis representações da categoria profissional.

Em seguida, apresentaremos brevemente o conceito de estereótipo, cunhado por Walter Lippmann e desenvolvido mais contemporaneamente por Stuart Hall para tratar de representações e procuraremos relacioná-lo às características exigidas da professora no início de sua inserção profissional, no Brasil do século XIX. Se a “professora ideal” neste momento histórico é forjada por normas, talvez possamos vê-la atravessar os séculos na forma de estereótipo, igualmente normativo, mas já sem a necessidade de documentos.

É importante ressaltar que aqui não estamos em busca de esgotar o que é um estereótipo ou de uma totalidade de um único estereótipo docente feminino, mas de um breve mapeamento bibliográfico e histórico de características que possam ou não ter atravessado muitas décadas e estar refletidas na produção midiática contemporânea que será analisada.

Por fim, formulamos uma tabela de atributos verificáveis. Pretendemos, então, a partir desse percurso, observar mais atentamente um certo estereótipo docente feminino.

1.1. Repetições: uma primeira percepção na literatura e na ficção televisiva

Não é recente a presença de professores e professoras como personagens nas narrativas e, se passaram a figurar também nas ficções televisivas, é porque, como figuras antigas das sociedades ocidentais, circulam nelas como participantes das vidas daqueles que puderam frequentar o espaço escolar ou imaginar sobre ele. Convidamos, neste momento, a uma sensibilização despretensiosa.

No poema “Lenda da origem do livro Tao-te king no caminho de Lao-Tsé para a emigração”, Bertolt Brecht (2019, p.442), dramaturgo alemão do século XX, narra a viagem de um professor idoso rumo a um lugar mais tranquilo e seu encontro, no quarto dia, com um guarda aduaneiro. O agente da alfândega pergunta ao personagem se há algum bem a declarar — sugerindo que pessoas mais abastadas viajam com objetos de valor. Diante do questionamento, o professor responde “nenhum”, e o rapaz que conduz o boi intervém: “é professor”.

Sem que tenhamos a continuação deste trecho do diálogo, a estrofe finaliza o evento com uma manifestação do narrador: “E assim tudo se explicou”. Ser professor é, no enredo, a própria explicação para que o viajante não porte consigo nenhum bem de valor; ser professor explica a ausência de posses e de dinheiro.

Ilustrando a forma como esses conceitos ou imagens preconcebidos e generalizados pelo senso comum operam na vida social, já que todos os personagens envolvidos a partir da breve interação parecem aceitar a relação causal, o texto literário se apresenta como uma das várias narrativas que têm em seu bojo representações docentes que parecem se basear em uma imagem compartilhada. Tais narrativas naturalizam características construídas como intrínsecas à profissão e uma delas é que professores não dispõem de recursos financeiros porque a profissão invariavelmente é mal-remunerada.

Assim, embora nosso foco sejam as representações midiáticas de professoras, ressaltamos aqui que os meios de comunicação não ocupam um espaço destacado da produção artística e cultural humana; os universos criados midiaticamente com frequência encontram-se em diálogo — e até em intersecção — com outras formas de narrativa, muitas advindas da literatura.

A telenovela “O Cravo e a Rosa”, do ano 2000, por exemplo, produzida, exibida e reprisada algumas vezes pela Rede Globo é uma adaptação da obra “A Megera Domada”, de William Shakespeare, embora se passe na São Paulo de 1920. Nesta versão da trama, Bianca, a jovem filha de um homem rico, vê seu romance com um professor como impossível dada a diferença de classe entre eles, ou seja, o sucesso amoroso é vetado, dentre outras coisas, por um mesmo atributo naturalizado.

Ainda a título de exemplo sobre o mesmo tema, ficções seriadas televisivas mais recentes que buscaram representar a sociedade contemporânea continuam reproduzindo personagens docentes que, a despeito de trabalharem em colégios de elite, que geralmente remuneram melhor, alugam quartos ou dividem apartamentos para conseguirem morar; é o caso de Berê, interpretada por Silvia Buarque em “Caminho das Índias” (exibida em 2009), e Darlene, interpretada por Bel Kutner em “Verdades Secretas” (exibida em 2015).

Como podemos pensar isso, então, que promove tamanha repetição de uma mesma caracterização profissional em diferentes momentos históricos e em diferentes circulações narrativas? Ainda que tenhamos iniciado a sensibilização sobre o tema recorrendo a exemplos que representem professores como aqueles que não têm dinheiro, essa não é a única característica que nos interessa. Há, em curso, outros atributos presentes na literatura, nas artes, nos discursos em geral que operam de maneira semelhante. É pertinente referir-se a esse processo como esterotipação?

1.2. O estereótipo: breve conceituação

A raiz etimológica do termo “estereótipo”, do grego *stereós* “sólido” + *týpos* “molde”, “marca”, “sinal” (FREIRE FILHO, 2004) aponta para a literalidade de uma marca sólida. Foi apenas no início da década de 1920 que o termo passou a integrar um vocabulário metafórico das Ciências Sociais por meio do jornalista Walter Lippmann. Para ele, a quem se atribui o primeiro uso do termo “estereótipo” na área, “nós não vemos em primeiro lugar, para então definir, nós definimos primeiro e então vemos” (LIPPMANN, 2017, p.93), ou seja, nosso olhar para a realidade é intermediado por lentes de ordem moral e social que a organizam em categorias predefinidas.

O termo tem sido ao longo dos últimos cem anos, então, mobilizado por muitos acadêmicos e pensadores das humanidades, que têm trabalhado com o conceito muitas vezes dialogando com ele ou, quando convém, modificando a definição original. Desenvolvem novas ideias sobre a estereotipia sem desvincularem-se totalmente do diálogo com Lippmann o psicólogo social Gordon Allport, que em 1954 escreve seu “A natureza do preconceito”, no

qual analisa o processo de categorização e as diferentes formas pelas quais essa categorização pode influenciar a expressão dos estereótipos e dos preconceitos; e o sociólogo Stuart Hall, que já nos anos 2010 escreve seu “Cultura e Representação” no qual, ao tratar de representação, observa que há algumas que se repetem exaustivamente nos discursos — sociais e midiáticos.

É a partir de um grande conjunto de informações, opiniões e cruzamentos subjetivos das mais variadas ordens, que constituímos essa base interpretativa que nos conduz a uma leitura de mundo marcada por esses valores. Sob essa perspectiva, “o primeiro lugar que se deve observar para uma explicação é o berçário, a escola, a igreja” (LIPPMANN, 2017, p.102), que são justamente ambientes fundadores de nossas experiências enquanto seres sociais. São locais em que circulam as primeiras regras morais, as primeiras cartilhas de comportamento, as primeiras noções de poder e de norma na vida de uma criança.

O autor também acrescenta, ainda sobre essa forma como decodificamos a realidade ao redor, que nossa imaginação é resultado da soma do que pudemos observar de forma autônoma e de todos os fragmentos daquilo que nos foi contado (Ibid., p.91). Dessa maneira, se carregamos conosco um vasto conjunto de experiências vividas e narradas em que professores são, na dinâmica econômica da sociedade, aqueles que estão sempre pensando para fechar as contas, esse histórico registrado como verdade atua no olhar para qualquer professor com quem cruzamos pelos caminhos de maneira não apenas passiva, mas frequentemente criativa.

Qualquer relato, a partir disso, passa a ser “transfiguração” (Ibid., p.91) nas palavras de Lippmann, que sugere, assim, que “a maior parte dos fatos na consciência parece ser em parte feita [...]”. Um olhar habituado, acostumado, aculturado e o ponto de onde lançamos nossa vista são responsáveis por aquilo que somos capazes de ver. O ponto de vista, nesse sentido, cria mesmo o objeto, recuperando a máxima de Saussure (2010).

O processo de compreender o que está ao redor, que silenciosamente parece não demandar esforço algum — já que nem seria possível avaliarmos minuciosamente cada uma de nossas interpretações — é, dessa forma, constante criação, participação ativa na manutenção de uma ordem discursiva estabelecida. Educamos as crianças, conversamos nas filas, produzimos programas de televisão e todos esses atos são resultado do que criamos sobre o mundo.

Ainda sobre o tema, Hall (2016) afirma que circulam socialmente “significados preferidos” que terminam por caricaturar aquele que é representado num discurso. Esses significados são motivados por um desejo (e esse desejo por mais desejos). Hall promove questionamentos ao organizar sua leitura do fenômeno nas seguintes palavras:

[...]qual é o diferencial de um estereótipo? Estes se apossam das poucas características 'simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas' sobre uma pessoa; tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são, depois, exagerados e simplificados [...] Então, o primeiro ponto é que a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a 'diferença'. Em segundo lugar, a estereotipagem implanta uma estratégia de 'cisão', que divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável. (HALL, 2016, p.191)

Embora o autor priorize o movimento de estabelecerem-se estereótipos sobre indivíduos, interessa-nos muito que, seja sobre indivíduos seja sobre grupos, a leitura social por meio de estereótipos reduz a imagem possível a poucos e geralmente fixos traços, de tal forma que ser pertencente a um grupo, mas manifestar-se visual ou intelectualmente de forma distinta dele, é inaceitável, passível de punição ou de não reconhecimento como parte integrante. Por essa razão, a circulação de estereótipos sem quaisquer questionamentos tem tudo para carregar consigo a manutenção de preconceitos que, dentro do contexto educacional, interditam caminhos e reflexões possíveis.

Quando traz luz à forma como organizamos a realidade em um discurso intersubjetivo, Maria Aparecida Baccega (1998) diferencia “conceito” de “estereótipo” pela via do juízo de valor. Para ela, ambos advêm de uma observação da realidade; porém, enquanto os conceitos se desenvolvem majoritariamente, mas não unicamente, pela via objetivo-descritiva, racional, verificada e científica, os estereótipos o fazem sustentados predominantemente em juízos de valor, que são subjetivos e conectados às emoções.

A autora, em diálogo aberto com Walter Lippmann, alerta que as repetições de padrões não precisam ser lidas necessariamente apenas pela via negativa. A capacidade de retenção e de repetição ao longo da história é justamente o que permite que haja criação e desenvolvimento, tendo em vista a importância de se valer de saberes já estabelecidos para construir novos — postulado fundamental das ciências. Ela chama essa capacidade de “conformidade” e adverte:

Há que se estar atento, porém, para o fato de que essa conformidade que, no limite, faz parte da natureza do viver em sociedade, pode converter-se em conformismo, quando não são oferecidas ao indivíduo/sujeito possibilidades reais de inserção na sua

sociedade, numa interação em que ele seja efetivamente sujeito, em que ele tenha voz e sua voz seja respeitada. (E aqui a escola desempenha papel fundamental.) Nesse caso, os procedimentos e atitudes da vida cotidiana, que se regem pela conformidade com o estabelecido, acabam por penetrar em outras esferas da sociedade: o indivíduo-sujeito ‘vê’ o que deixaram pronto para ele através da inculcação de estereótipos, passando a ser apenas a ‘voz do dono’, deixando de lado sua condição de ‘dono da voz’. (BACCEGA, 1998, p.2)

A linha entre a aceitação de estereótipos que colaboram para uma economia cognitiva, para nossos confortos e para a consequente coesão social e a necessidade de revisitar alguns estereótipos para averiguar se não houve uma conformidade, se não houve uma perda da voz, é também o que conduz nosso trabalho.

Isso porque não temos a intenção de desconsiderar a importância de bases intelectuais para a manutenção das rotinas e dos cotidianos, mas sim propomos que se um estereótipo não puder ser revisitado e questionado, tornou-se dogma, norma, regra. Para a educação, ambiente em que parte de nossa pesquisa se desenvolve e que nosso objeto retrata, o dogmatismo é uma postura castradora, contra a qual devemos nos posicionar a fim de promover o senso crítico. Dentre muitos autores considerados referências para a pedagogia, brilha na obra de Paulo Freire a negação ao dogmatismo como respeito ao ato de pensar:

Para me resguardar das artimanhas da ideologia, não posso nem devo me fechar aos outros, nem tampouco me enclausurar no ciclo de minha verdade. Pelo contrário, o melhor caminho para guardar viva e desperta a minha capacidade de pensar certo, de ver com acuidade, de ouvir com respeito, por isso de forma exigente, é me deixar exposto às diferenças, é recusar posições dogmáticas, em que me admita como proprietário da verdade. No fundo, a atitude correta de quem não se sente dono da verdade nem tampouco objeto acomodado do discurso alheio que lhe é autoritariamente feito. Atitude correta de quem se encontra em permanente disponibilidade a tocar e a ser tocado, a perguntar e a responder, a concordar e a discordar. Disponibilidade à vida e a seus contratempos.(FREIRE, 2014, p.119)

Um estereótipo, então, na mesma linha de pensamento, talvez seja análogo a um “ciclo de verdades nossas” e, em circulações mais silenciosas, torna-se uma verdade dogmatizada.

É por isso que sustentamos a importância de ceder aos incômodos que certas repetições naturalizadas podem causar. Se é verdade que todo professor ganha mal, é possível negociar salário de forma justa? Se é inquestionável que professores não têm bens, os discursos correntes sobre “valorizar a educação” querem dizer o que com “valorizar”? É direito de professores ter vidas financeiramente confortáveis ou isso automaticamente os desabona enquanto amantes da educação? A que lugares e práticas políticas um estereótipo pode destinar, sem o direito à

revolta? E, afinal, tentar entender a formação de uma imagem cristalizada pode ser um bom exercício?

Ecléa Bosi (1992) desenvolve uma discussão sobre a estereotipia a partir do campo da Psicologia e, embora não pretendamos estender o diálogo nesse sentido, sua argumentação provoca mais um incômodo que nos interessa; a autora escreve que:

Quando entramos em um ambiente novo, de estimulação complexa, passamos por instantes de atordoamento. Tudo é uma mancha confusa que hostiliza os sentidos. Aos poucos, as coisas se destacam desse borrão e começam a nos entregar o seu significado, à medida da nossa atenção. É o trabalho perceptivo, que colhe as determinações do real, as quais se tornam estáveis para o nosso reconhecimento, durante algum tempo. Essa colheita perceptiva, relação de trabalho e de escolha entre o sujeito e o seu objeto, pode sofrer um processo de facilitação e de inércia. Isto é, colhem-se aspectos do real já recortados e confeccionados pela cultura. O processo de estereotipia se apodera da nossa vida mental. (BOSI, 1992, p.112)

Ao associar, então, os estereótipos a um apego a categorias predefinidas e a uma facilitação da leitura do mundo, que seria complexa de maneira autônoma e solitária, a autora reforça que a volta a um mundo “pré-categorial”, antes do estabelecimento de um ou vários estereótipos, é difícil. Esse exercício, porém, de tentar imaginar o que era o mundo antes de um estereótipo naturalizado nos colocaria face a face com os fenômenos por meio da exigência de uma tomada de consciência e uma recusa àquilo que se estabeleceu como fato, como verdade. Para Lippmann (2017, p.100),

A escola é, tradicionalmente, o espaço em que verdades podem ser desafiadas, mas essa proposta de desafio tem seu olhar costumeiramente voltado ao aluno, que se quer fazer ser crítico. Mas há a mesma busca por docentes críticos e críticas ou há estatutos fixos sobre professores e professoras que merecem nova contemplação de tal forma que possamos pensar “considerando-os brandamente, modificando-os alegremente”?

A imaginação sobre o que Bosi chamou de “pré-categorial” parece ser um caminho para que o que está fixo se abrande, para que possa se encaixar alegria na desconstrução de imagens. No nosso caso, ainda que não desconsideremos a questão salarial, pretendemos adicionar ainda outras camadas sobre esse estereótipo.

1.3. A professora mulher e as heranças a partir do século XIX

Por que, afinal, a professora? É notório que os códigos morais a partir dos quais nos organizamos socialmente estabelecem estereótipos para diferentes profissões em diferentes contextos. A fixação de atributos pouco negociáveis para uma certa docência feminina, porém, se instaura como norma em determinado momento histórico, e, a partir dele, parece conseguir manter-se como cultura e como tradição, nos ambientes escolares e fora deles.

A esterotipação da docência, ventilada no início deste capítulo, por si só, compreende um universo vasto e rico de análise e merece dedicada investigação. Aqui, contudo, queremos reforçar a sobreposição dessa camada do feminino que, ao atuar de forma integrada e simultânea, tem como resultado uma identidade interseccional, que mobiliza atributos de dois conjuntos de estereótipos. Queremos tratar não mais da docência como um todo, mas apenas dessa docência que se instaura tardiamente na história brasileira em relação à masculina: a feminina.

Considerando a categoria dentro da sugestão de interseccionalidade, parecem compor a imagem dessas mulheres aspectos da docência (como a constante falta de dinheiro), do gênero feminino (como a naturalização da maternidade), e aspectos que talvez surjam apenas na coexistência de ambos em uma mesma sujeita (como a expectativa de que a profissão seja exercida por vocação e/ou por amor a alunos que devem ser tratados como filhos).

“Interseccionalidade” é, vale a explicação, um termo que pegamos de empréstimo do feminismo negro. Kimberlé Williams Crenshaw (1989) o cunhou em um texto no qual ela argumenta que as experiências de discriminação enfrentadas por mulheres negras não podem ser entendidas pela lente do sexismo ou do racismo separadamente, mas precisam ser consideradas em conjunto, em sua interseção. Ela sustenta que mulheres negras enfrentam formas únicas de opressão e que as estruturas sociais devem reconhecer essas interseções para criar políticas que atendam às suas necessidades.

Ainda que não tenhamos a intenção de estabelecer essa nova dobra — a de uma professora mulher negra — como fundamental para as análises que seguem, não se pode deixar de considerar que uma nova camada de cor à categoria que adotamos complexificaria ainda

mais o cenário, mobilizando outros estereótipos que, em interação com os que aqui exploraremos, aprofundam a necessidade política e social de discussão do tema.

Eliane Marta Teixeira Lopes (2017), em seu livro “Da Sagrada Missão Pedagógica”, quando trabalha seu *corpus* composto de documentos de escolas, discursos docentes e recorte de periódicos de Minas Gerais do período correspondente à inserção de mulheres nas salas de aula brasileiras, afirma que poderá descrever apenas mulheres brancas de classe média. Isso porque este é o grupo no qual se situa essa professora a quem se permitiu a docência durante o século XIX e no começo do XX.

Ao narrar histórias que se desenvolvem durante esse período, a teledramaturgia brasileira representa de forma historicamente fidedigna essa questão em personagens como Laura, professora interpretada por Marjorie Estiano em “Lado a Lado”, trama que se desenvolve no ano de 1904; e Graça, professora interpretada por Nívea Stelmann em “Chocolate com Pimenta”, que se passa na década de 1920, por exemplo. Ambas as atrizes são mulheres brancas e suas personagens carregam traços de uma representação repetida que queremos enfatizar embora seus enredos sejam bastante diferentes entre si.

Temos consciência de que pensar a professora, portanto, é estarmos subordinados a pelo menos dois vastos universos: um que explora as questões docentes e outro que explora a história do feminino ocidental. Há, ainda, diferentes possibilidades de intersecção, que se formam a partir de circunscrições outras. Hirata e Kergoat (2007) tratam, por exemplo, da divisão sexual do trabalho. As pesquisadoras sustentam que essa divisão aponta para desigualdades sistemáticas e que socialmente essa diferenciação é utilizada para hierarquizar as atividades em favor de um “sistema de gênero” (p.596). Assim, parece-nos adequado considerar que a docência feminina se inscreve na história de uma sociedade que fornece todos os substratos adequados para que ela opere dentro dos mesmos princípios em que operam outras profissões e outros femininos.

No Brasil, a educação inicia-se com os jesuítas — apenas homens — ainda no século XVI e, se as professoras não puderam, desde o início das atividades escolares no Brasil, ser protagonistas da atividade docente, como se desenhou sua entrada e a posterior naturalização da sala de aula como um espaço majoritariamente feminino, especialmente nos anos iniciais de

escolarização? Quem eram essas mulheres que poderiam ocupar esse espaço num primeiro momento?

Ainda que Laura e Graça, as personagens das novelas “de época”, sejam fidedignas ao que se poderia ser (a trama da primeira, inclusive, absorve as revoltas sociais do fim do período escravagista), como é possível que haja tantas semelhanças em representações de personagens professoras mulheres desenvolvidas em outros tempos históricos? Mesmo essa não sendo a única forma de representá-las, é perceptível que outras não se tornaram dominantes o suficiente para que essa ficasse apenas no passado; as diferenças, de que tratava Freire (2014), não parecem presentes nessas representações.

Adicionamos, ainda, questionamentos que Lopes (2017) faz de forma provocativa: “Essa repetição [de uma linguagem que funda o lugar comum sobre professoras] não estaria expressando, então, [...] a impossibilidade de deixar de normatizar, a impossibilidade de deixar de regular?” (Ibid., p.57). Essas curiosidades conduzem este momento da pesquisa porque aquilo que não é discutido instaura também a possibilidade de dominação por meio de uma repetição. Mas a repetição não se funda livremente: há esse momento histórico, no Brasil, em que ela se inicia e a partir do qual se instala.

Data de 1827 a regulamentação da primeira lei de instrução pública — e uma posterior emenda — que permitiu o ensino das “pedagogias” a meninas, que deveriam ser educadas por mulheres pela suposta aproximação subjetiva que apenas elas poderiam ter entre si e pela expectativa do tipo de saber que circularia (ANNAES, 1876). Para Bruschini e Amado (1988) essa lei agravou a discriminação sexual ao restringir as mulheres a um diálogo apenas entre “iguais”. É somente neste momento que o espaço escolar passa a ser permitido a elas de forma oficial no Brasil, mas não sem as devidas normatizações, que, para Lopes (2017) são uma continuidade do que se praticava em colégios católicos da França.

Em consonância com a religiosidade dominante no Brasil colonial, debateu-se durante muitas décadas ainda depois dessa primeira legislação se mulheres deveriam ou não estar dentro da sala de aula porque seu lugar primordial era o lar, por cuja rotina eram responsáveis. A ideia de que deixariam o espaço doméstico durante um período do dia para trabalhar não foi aceita de forma unânime. Alguns discursos, então, buscaram justificar que elas poderiam também ser professoras porque as habilidades que lhes eram exigidas no cuidado com a casa e com os filhos

seriam idênticas àquelas de que precisariam na escola. Visava-se, dessa forma, à “manutenção de princípios morais conservadores” (BRUSCHINI & AMADO, 1988).

Sem acesso ao ensino superior — salvo raras exceções de mulheres oriundas de famílias muito ricas que comprovassem a “boa conduta” e, por isso, conseguissem estudar —, as docentes disponham de um conhecimento que era considerado suficiente. O foco mais comum das escolas era preparar as meninas mais novas para poderem exercer seu papel de “guardiãs da família” (CUNHA & SILVA, 2010), promovendo a educação de seus filhos de acordo com as normas sociais. Voltamos a ressaltar que mesmo as mulheres com pouca instrução a quem foi permitida a sala de aula eram mulheres de classe média. As mulheres pobres do século XIX estavam sujeitas a outras dinâmicas que, na maior parte das vezes, não incluía a escola como instituição rotineira (SOIHET, 1989).

Partes fundamentais do processo de compreensão das mudanças do período, o cruzamento entre os valores católicos e a associação direta entre mulheres e maternidade não podem ser ignorados. Alguns historiadores da educação veem nos discursos e nas práticas da sociedade à época a aproximação da docente a uma importante figura bíblica: Maria. A comparação pode, nesse sentido, ter auxiliado nesse processo de transformação por ter sido mobilizada como uma das chaves desse inicial projeto educativo.

Através do símbolo mariano se apelava tanto para a sagrada missão da maternidade quanto para a manutenção da pureza feminina. Esse ideal feminino implicava o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas. (LOURO, 2020, p. 447)

Pureza, recato, pudor, perfeição moral, sacrifício e um paralelo com a maternidade são algumas das características que parecem ter sustentado uma imagem dessa professora na disputa pelo espaço escolar, mas que talvez não tenham se diluído completamente ao longo dos últimos dois séculos. Esses atributos e outros, que foram exigidos das mulheres oficialmente desde 1827, e sua posterior cristalização social são objeto de estudo de diferentes autores e autoras (BRUSCHINI & AMADO, 1988; CUNHA & SILVA, 2010; LOPES, 2017; LOURO, 2020; PEREIRA, 1969; SAFIOTTI, 1976) e contribuem para a construção da tabela que apresentamos no final deste capítulo.

Também se entendeu socialmente, nesse final da segunda década do século XIX, que as mulheres precisavam de instrução porque eram elas as pessoas capazes de transformar outros

humanos em pessoas boas ou más. Devendo ser as guardiãs da moral e da família, elas eram, portanto, quem poderia dar origem a grandes desordens. Para evitar que essas desordens viessem pela via da educação, todo cuidado era pouco: sua instrução deveria limitar-se ao ensino das quatro operações básicas da matemática e a atividades da economia doméstica (LOPES, 2017; DEMARTINI & ANTUNES, 2013). É nessa linha de raciocínio que se estabelece a lei em 1827.

O cenário que, durante séculos, foi dominado por homens religiosos (os jesuítas), altera-se significativamente, então, com a entrada da mulher nas salas de aula, reforçando que dentro do espaço escolar o gênero não se neutraliza, mas passa a compor uma nova categoria que ganha força com o passar do tempo (LOURO, 1997). Essas mudanças, no entanto, só ocorrem quando são permitidas — e desejadas — ao longo do século XIX, pelos homens, que ora mobilizam o argumento da maternidade como potência exclusivamente feminina e compatível com a educação de crianças, ora torcem-se em argumentos que mascarem o fato de que a docência seria muito mais barata se pudesse ser delegada a uma mão de obra igualmente mais barata.

Desenvolve-se, dessa maneira, a manutenção das desigualdades entre os gêneros promovida por um discurso que agora circulava nos ambientes de instrução nos quais a mulher tinha sido há pouco inserida. De acordo com Demartini e Antunes (2013), os homens, embora tenham gradativamente se afastado do ensino especialmente de crianças, passaram a concentrar-se nas posições de comando e poder dentro das escolas, de tal forma que mesmo exercendo muito pouco o magistério infantil, ainda puderam seguir no controle das atividades escolares. Essas posições permitiam a eles que pudessem seguir normatizando as professoras.

Além disso, embora não tenham sido previstas nessa primeira lei, outras exigências vão, conforme a passagem do tempo, somando-se às primeiras. As mulheres que puderam adentrar os espaços escolares como “mestras” por muito tempo precisaram ser mulheres sós: ou porque essa solidão já fosse uma exigência da escolha religiosa que se fez — uma vida em regime de clausura conventual, inteiramente dedicada aos serviços religiosos — ou porque, quando o cenário se abriu a outras mulheres, que não necessariamente eram freiras, exigiu-se que fossem solteiras, de maneira que essa solidão, aos olhos alheios, fosse remetida à pureza, ao fato de nunca terem sido tocadas (LOURO, 2022).

Observamos, como já destacado, que a partir da permissão da docência a mulheres, diferentes normas puderam ser explícita ou tacitamente reforçadas. Essas normas, embora se fundem em cartilhas, leis, regimentos e também nas artes (livros ou poemas dedicados a professoras, por exemplo), operam na seleção de quem pode ou não ser professora e colaboram para que se tenha como resultado espaços escolares cujos protagonistas exemplares sejam compatíveis com a expectativa e a quem, gradativamente, se atribui a vocação (LOURO, 2020). É nesse sentido que consideramos a possível formação de um estereótipo.

E é também nesse sentido que a perspectiva de Hall (2016, p.200) de que “os estereótipos referem-se tanto ao que é imaginado, fantasiado, quanto ao que é percebido como ‘real’” nos dá ferramenta para compreender o esforço político e social — majoritariamente masculino, religioso e conservador — do momento como algo que resulta no processo de estereotipia. O fato de que o estereótipo, para o autor, tem sua “política”, ou seja, de que há uma forma própria como o poder opera em suas entrelinhas, colabora para a compreensão de que sua formação é circular dentro de um universo de reforços: tanto os “sujeitos do poder” quanto quem está submetido a ele têm suas fantasias alicerçadas nessa dinâmica, que é cultural, social, compartilhada.

No terreno das artes, Cunha e Silva (2010) fazem um apanhado da literatura brasileira do final do século XIX enfatizando a educação feminina e a forma como os textos ficcionais à época reforçam o que se entendeu como “mulher ideal”. Aparecem listados trechos de Machado de Assis, Bernardo Guimarães e José de Alencar, por exemplo, em que a relação entre moças ricas e educação é enfatizada como importante para que se tornem “prendadas”.

Assim, a prosa, a poesia, os jornais, os discursos nas formaturas e o muito posterior “Dia dos Professores” (estabelecido como conhecemos hoje apenas na segunda metade do século XX) colaboram para a circulação de um imaginário preferencial. Um exemplo pequeno, mas bastante representativo é a mensagem publicada no jornal Estado de Minas, em 1931, em comemoração ao Dia da Professora (data que não consta mais em nossos calendários):

Na escola Infantil Bueno Brandão, o Dr. Noraldino Lima expressou ainda mais uma vez sua admiração pelo que presenciava e declarou seu contentamento que a instrução primária em Minas “está entregue às moças dedicadas e hábeis, que bem se compenetrem do papel que lhes compete na educação e na alfabetização das crianças. [...] O Bueno Brandão possui um corpo de professoras competentes e carinhosas, compenetradas de seus deveres e da missão de educadoras”. (apud LOPES, 2017, p.87)

Em consonância com essa ideia, nos trabalhos de Demartini e Antunes (2013) e Lopes (2017), podemos examinar ainda outros documentos oficiais e textos midiáticos que, intencionalmente ou não, reproduziram regras de adequação às professoras que colaboraram para esse movimento que identificamos pendular entre o que é normativo e o que é estereotipado. Normativo porque deriva de leis e prescrições, estereotipado porque repetido durante tanto tempo dentro da norma que, talvez a certa altura, tenha se estabelecido sem ela — é-se dócil e abnegada, por exemplo, porque se crê que de outra forma não se pode ser professora — e novamente normativo porque o estereótipo fixa atributos que voltam a ser entendidos como norma, mas já desvinculados da necessidade de legislação.

Posterior à lei de 1827, mas ainda em tempos de documentações normativas sobre o tema, um outro documento é exemplo ilustrativo de como se estabelecia o poder discursivo. É o manual para uso das “Filhas de Caridade” empregadas em escolas, de 1866, intitulado “Das Virtudes e das Qualidades de uma Professora” (LOPES, 2017, p.75), que lista alguns atributos que professoras mulheres religiosas deveriam preservar no contato com estudantes. Nele, são exigidos: a humildade (ter baixos sentimentos por si mesma), a doçura (exercitar a caridade e a bondade), a paciência (suportar com resignação os desgostos resultados dos processos educacionais), a firmeza (prevenir e reprimir a desordem), a sabedoria (ser capaz de fazer avaliações justas e de inspirar amor por suas funções), o silêncio (falar só se o dever obriga), entre outros atributos que aparecem repetidos e reiterados em outros ambientes mesmo quando a religião já não é mais a instituição que assumidamente pauta os valores ou quando a circulação impressa dessa moral já não é mais tão restrita. Algo segue reverberando. Lucy Mary Soares Valentim (2016) mobiliza, em sua pesquisa de doutorado argumentos que também buscam apontar que ainda hoje a noção de vocação e um certo modelo de professora — esse mesmo modelo que estamos percorrendo — motivam as escolhas profissionais de centenas de jovens.

É, longe de ser coincidência, nesse mesmo período em que mulheres se estabilizam como professoras que surgem as primeiras “escolas maternais” no Brasil, nomenclatura que, ainda em 2023, circula burocrática e socialmente. Assim, se nos séculos XIX e XX pôde-se fazer de argumento central a biologia, é porque estavam presentes também correntes de pensamento para além das puramente religiosas que justificavam dessa maneira as práticas sociais. As mulheres seriam naturalmente capazes de socializar com as crianças e ficarem responsáveis por seu cuidado, naturalizando a atuação nas séries primárias como função feminina (SAFIOTTI, 1976; BARRETO, 1981).

Louro (2020) sistematiza algumas outras características que já não nos são mais inteiramente novas, mas adicionam camadas ao que parecia dado. Essas adjetivações são compreendidas como úteis a uma certa educação nesse período e são derivadas desse processo, que cruza tanto o feminino ideal quanto a docência:

A partir de então [a autora trata do final do século XIX] passam a ser associadas ao magistério características tidas como ‘tipicamente femininas’: paciência, minuciosidade, afetividade, doação. Características que, por sua vez, vão se articular à tradição religiosa da atividade docente, reforçando ainda a ideia de que a docência deve ser percebida mais como um ‘sacerdócio’ do que como uma profissão. Tudo foi muito conveniente para que se constituísse a imagem das professoras como ‘trabalhadoras dóceis, dedicadas e pouco reivindicadoras’ o que serviria futuramente para lhes dificultar a discussão de questões ligadas a salário, carreira, condições de trabalho etc. (LOURO, 2020, p.450)

Essa normatização em curso, que nos parece constitutiva do estereótipo que pretendemos delimitar, foi, portanto, resultado de uma série de dispositivos. Os trajes precisaram ser discretos, as maneiras, recatadas. A vida privada era assunto que não poderia circular. Um dos resultados, que nos surpreende pouco, é que toda essa operação tenha afetado também a forma de escrever das professoras mulheres; sua forma de argumentar, sustenta Louro (2020), acompanhou a modéstia e a decência exigidas. Houve, dessa maneira, um investimento político sobre essas mulheres que colaborou para essa estabilização de um certo jeito de ser professora.

Embora datadas primordialmente deste período que descrevemos, a expectativa de passividade e a retirada do feminino dos espaços de racionalidade e poder são assuntos ainda em debate na sociedade e causam desconforto por sua atualidade. Isso porque as instituições escolares seguiram seus desenvolvimentos ao longo do tempo e poderiam promover, contemporaneamente, por seu caráter potencialmente questionador e pela distância temporal desse modelo inaugural de docência feminina, uma reconfiguração mais radical, convidando esse feminino a ser igualmente reconhecido por adjetivações intelectuais, por exemplo.

Mesmo que, ao longo da História, professoras tenham ocupado também espaço nos níveis de ensino mais distantes da educação infantil, é possível encontrar traços dessa tradição nos comportamentos, nos discursos e nas expectativas que têm sobre si naquelas que atuam em todo o Ensino Básico hoje (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos). É no que emerge da investigação histórica que se articulam os efeitos políticos desse estereótipo que se manifestam ainda hoje.

Hall acrescenta que “a estereotipagem tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder” (HALL, 2016, p. 192) e talvez não seja difícil observar que o que era esfera de poder no período de normatização ainda o é atualmente, quando sugerimos que o estereótipo se mantém. Estamos percorrendo partes da operação de duas grandes instituições da história ocidental vinculadas ao que estamos investigando: o patriarcado — que é um sistema social e cultural que privilegia os homens em detrimento das mulheres, perpetuando desigualdades de gênero — e a Igreja Católica — que tem grande influência política e social, especialmente no âmbito da educação e da caridade, e desempenha um papel importante na manutenção da ordem e da moralidade. Dessa maneira, a relação entre ambos tem, dentre diversos outros atores sociais, as mulheres como pessoas que estão submetidas à lógica estabelecida. Há uma evidente assimetria de poder em jogo e ela parece favorecer a onipresença da tradição que, tal qual a própria desigualdade proposta, se espalha pelos séculos, cristalizando imagens e representações.

O conjunto de atributos que pudemos percorrer até este ponto contribui para que alguém possa ser identificada como pertencente ao grupo ou para que uma representação seja verossímil. Não são, porém, meras representações descritivas do que se é na realidade, mas sim descrições criadoras, constituintes dessas mulheres também, que procuram o que é ser professora e buscam a performance dentro desse universo predeterminado.

Assim, ainda que consideremos que recortes de diferentes períodos históricos ou localizações geográficas dentro do país possam mostrar diferentes configurações de um estereótipo docente feminino, a partir do momento em que a mídia ainda privilegia em ficções seriadas a professora doce, meiga, abnegada, sem dinheiro e mais uma série de adjetivos que compõem esse campo semântico mapeado, inquieta-nos a possibilidade de que haja uma certa permanência de características que atravessaram décadas e que ainda se manifestam social e midiaticamente.

Um exemplo da força dessa imagem é a personagem “Professora Helena”, da novela “Carrossel”, exibida no Brasil em 1991 pela primeira vez e reexibida em 1993, 1995 e 1996 dado seu sucesso. Baseada em uma novela mexicana, Carrossel também contou com um “remake” totalmente brasileiro, exibido entre 2012 e 2013 pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Em 2015, o “remake” também foi reprisado. A respeito da personagem, escreveu Lopes (1991), no ano em que a novela estreava com grande audiência no Brasil, que:

É essa a professora que faz sucesso. Até Gabriela Rivero [*atriz que interpretou Helena na primeira versão*] tem consciência de que Helena é um modelo. Modelo de mulher: professora, futura mãe. Isabela (13 anos) me disse: “eu já pensava em ser professora; agora, se eu for professora, quero ser como a professora Helena.”(LOPES, 1991, p.174)

O “boom” da novela, à época, foi tanto que a personagem circulou também em esferas não-ficcionais. Fernando Collor de Mello, em evento público durante seu governo, desceu a rampa do Planalto com, dentre outras pessoas, Gabriela Rivero. Um plantão ao vivo da TVE RJ, porém, sob o comando de Humberto Valadares, refere-se a ela diversas vezes, ao vivo, como “Professora Helena”¹⁷. Para Lopes, o uso político da personagem da ficção seriada é evidente e seria ingênuo descartá-lo:

Bobagem pensar [...] que foi Gabriela Rivero que desceu a rampa do Planalto ao lado do Presidente e foi recebida pela Primeira-Dama. Desculpe-me, Gabriela, mas aqui, gostamos mesmo é de professora [...] Atores, atrizes e Gabrielas (cravos e canelas) estão em baixa. Helena: essa é a professora que sobe e desce a rampa do Palácio a hora que quiser, modelo e exemplo. As outras, os outros, seus pedidos de reconhecimento e de salários, que esperem... atrás do cordão de isolamento. (LOPES, 1991, p.174)

A descrição atual da novela em seu site oficial¹⁸ inicia-se apresentando a personagem: “Helena Fernandes é uma professora jovem e bonita que leva consigo muito amor”. Na descrição individual da personagem, disponível no mesmo portal, é possível conhecê-la como uma professora “jovem, linda e meiga”, “moderna e antenada nas novas tendências da educação”, muito embora não fique claro quais seriam essas novas tendências. Jeane Figueiredo e Cris Rose, figurinistas da novela, afirmaram que o figurino da personagem foi inspirado em princesas modernas, com o uso de cintura marcada e estampas delicadas¹⁹. “Era quase uma freira”, afirma Jeane em entrevista²⁰. É curioso pensar que a construção do tempo em que a novela se passa vale-se do fato de que, sendo uma narrativa infantil, pode-se transportar para a atualidade com naturalidade essa figura tão representativa da tradição em modos e trajés.

Essa tal Professora Helena, em suas questões e singularidades, nos chama para outras reflexões. Propondo uma perspectiva radical e já não apenas sobre o cenário brasileiro, mas de tal forma que também nele, hooks (2022) afirma que, de forma persistente na

¹⁷ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p9Oq5dLsiUE>>. Acesso em 03 de maio de 2023.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.sbt.com.br/novelas/carrossel/>>. Acesso em 03 de abril de 2023.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.fashionbubbles.com/estilo/professora-helena-carrossel/>>. Acesso em 03 de abril de 2023.

²⁰ Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/1141621-atriz-fala-de-guarda-roupa-da-professora-helena-o-mais-desejado-do-sbt.shtml>>. Acesso em 03 de abril de 2023.

contemporaneidade, uma professora lembrar que tem um corpo (já que a história da filosofia ocidental nos deixa de herança um dualismo metafísico em que corpo e mente são duas coisas distintas) é uma traição ao legado de repressão que a docência traz em sua formação e um afastamento de Eros — representante do amor, da paixão e do desejo — do processo educacional, de modo que por meio do apagamento dos corpos diz-se que a paixão deve estar do lado de fora da sala de aula.

Interessa-nos, assim, observar como se dá essa dinâmica também na mídia, já que na novela infantil a personagem professora apresenta-se constantemente dentro de uma performance que remete a séculos passados (o comportamento e o vestuário dialogam diretamente com a expectativa de recato), mas uma matéria publicada no portal R7²¹ em 2013 com o título “Adeus, professora Helena! Rosanne Mulholland posa sensual e se liberta de personagem infantil” traz o olhar de quem precisou interpretar essa mulher.

O texto reproduz falas da atriz da versão mais recente da novela “Carrossel” no Brasil em que ela se diz aliviada por se “libertar” da aura da personagem porque viver como ela era “injusto”, sugerindo que a personagem estava restrita a uma imagem de pureza incompatível com a vida de uma mulher fora da ficção. Para Pessanha (1988), Eros e Logos — o representante da razão e do conhecimento — são cúmplices e inseparáveis. Eros é quem faz o papel da mediação, sem o qual Logos não sai de si mesmo. Assim, acrescenta Lopes (2017),

Como se vê, nada tem de puro e inocente, santo mesmo, esse ensinar, essa transmissão. Entre os dois — aluno e professor — ocorre muito mais coisa do que a nossa pretensão de tudo controlar dá conta de aprender, embora, já que a aparência é de ato de conhecimento como ato de consciência, tudo se passe como se o controle absoluto fosse absolutamente possível. Ensinar é um ofício de exposição. (p.63)

Apenas com o intuito de abrir janelas para questões ainda mais atuais — que não exploraremos nesta pesquisa —, se olharmos para o que se nos mostra de mais contemporâneo, notaremos ainda que outras camadas, exposições e dinâmicas sobre o tema podem ser exploradas. Cibelly Ferreira, de 29 anos, é uma professora de inglês com mais de 5 milhões de seguidores na plataforma Tiktok. Ela trabalha concomitantemente com o ensino da língua estrangeira para crianças e adolescentes e com a venda online de conteúdo adulto (não erótico) para outro público. Parte de sua popularização vem do engajamento que as críticas à mistura desses dois universos historicamente apartados promovem nas redes (fenômeno da era

²¹ Disponível em: <<https://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/adeus-professora-helena-rosanne-mulholland-posa-sensual-e-se-liberta-de-personagem-infantil-07102019>>. Acesso em 22 de março de 2023.

algorítmica). Em reportagem ao UOL, intitulada “Dança com alunos e 'aula sensual': Professora lida com críticas e assédios”²² a docente diz que a sala de aula não é a única coisa à qual se dedica, estremecendo também a imagem da professora integralmente dedicada.

Uma provocação que LOPES (2017) faz, por fim, é que nos dá impulso para seguir a investigação rumo à ficção seriada contemporânea. Escreve ela comparando a expectativa sobre a imagem da professora no século XXI e no XIX: “É certo que não se pode dizer que nada mudou. Mas pode-se dizer que tudo mudou?” (Ibid., p.50). E acrescenta: “Não se diz a mesma coisa, não se diz por causa das mesmas coisas, não se diz no e do mesmo lugar e época, não se diz às mesmas pessoas, não se diz empregando as mesmas estruturas sintáticas e morfológicas. Mas alguma coisa insiste.” (Ibid, p.51). E insiste silenciosa e quase orgulhosamente, acrescentamos. São, então, Berês, Darlenes, Lauras, Graças, Helenas e tantas outras que nos propõem, que, de fato, algo se mantém. É em Lúcia, da série “Segunda Chamada”, que tentaremos observar o que se mantém, o que desaparece e o que se reconfigura desde essas primeiras normatizações do século XIX que vieram a constituir-se como um eventual estereótipo.

1.4. As características que se repetem

A breve pesquisa feita na História da Educação nos colocou frente a relatos, documentos, interpretações, literaturas e outras formas discursivas que parecem repetir-se sobre a expectativa que se estabeleceu de forma normativa a respeito das primeiras professoras brasileiras. Propomos que essa normatização é uma ferramenta que também opera com certa normatividade, mas já sem a necessidade das cartilhas. É Lippmann (2017) quem sustenta que “as mais sutis e difundidas de todas as influências são aquelas que criam e mantêm o repertório de estereótipos. Conta-nos sobre o mundo antes de nós o vemos.” (Ibid, p.99) e, assim, buscamos agora o foco na manutenção.

²² Matéria disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/08/23/professora-ingles-dancinhas-tiktok.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 02 de abril de 2023.

Com o objetivo de organizar as informações advindas da pesquisa bibliográfica sobre a docente ideal no século XIX, trabalharemos com uma tabela de atributos esperados dessas mulheres os quais se agruparão em nossas categorias de análise. Para organizá-la, recorreremos ao que apareceu de mais repetido nos trabalhos de Maria Cristina A. Bruschini *et* Tina Amado (1988); Zeila de Brito Fabri Demartini *et* Fátima Ferreira Antunes (2013); Guacira Lopes Louro (1997, 2020 e 2022) e Eliane Marta Teixeira Lopes (2016). Dessa maneira, foi possível a visualização de padrões e de relações entre os atributos destacados.

A tabela que segue, então, tem esses atributos listados em ordem alfabética em sua primeira coluna — representados por uma ou mais palavras. A segunda coluna é nossa contribuição sobre cada um dos atributos destacados a fim de criar nuances de diferenciação entre um e outro que pudessem, eventualmente, ser confundidos. É importante pontuar, porém, que a tabela não é um fim em si mesma, mas sim uma ferramenta para organizar informações e facilitar a análise e a reflexão sobre o tema.

Tabela 1. Atributos esperados da professora no século XIX

Atributo	Nossa definição
Abnegação/ Sacrifício	Disposição de renunciar a interesses pessoais em prol de um propósito maior, seja ele religioso, moral ou altruísta, e estar disposto a se dedicar a esse propósito mesmo que isso exija esforço, renúncia e até mesmo sofrimento.
Afetividade	Capacidade de sentir e expressar emoções, de se relacionar com os outros de forma empática e carinhosa.
Amorosidade	A capacidade de dar amor aos alunos e de promover um ambiente em que eles também se sintam convidados a comportar-se amorosamente.
Cuidado	A capacidade de cuidar, seja frente a uma enfermidade física, seja frente a dores emocionais.
Dedicação/ Disponibilidade	Prontidão e empenho em oferecer tempo, energia e esforço para cumprir compromissos e ajudar outras pessoas quando necessário.
Discrição	Habilidade de agir ou falar de forma cuidadosa e reservada, evitando chamar a atenção desnecessária para si mesma ou para os outros. Há também o silenciamento de sua vida pessoal.
Doação/ Entrega/ Renúncia de si	Dedicação ou entrega de forma generosa e altruísta, colocando as necessidades e interesses dos outros acima dos seus próprios. Disposição para renunciar desejos pessoais ou interesses próprios. Ser mártir para que um outro possa crescer.
Docilidade	Disposição ou tendência de ser dócil, isto é, obediente, submissa e fácil de ser conduzida ou ensinada.

Fragilidade	Condição de ser delicada, fraca, vulnerável ou suscetível a danos físicos ou emocionais.
Humildade/ Submissão	Qualidade de reconhecer as próprias limitações, erros e fraquezas, e estar disposta a aprender com os outros e se adaptar às circunstâncias. Isso envolve também aceitar ordens ou sugestões de outros com respeito e a manutenção de uma vida sem ostentações.
Maternidade	O cuidado dos alunos da escola como se fossem seus próprios filhos.
Minuciosidade	Qualidade de atenção aos detalhes, de cuidado minucioso na execução de tarefas ou na análise de informações.
Paciência	Capacidade de suportar adversidades, atrasos ou inconvenientes sem se irritar ou perder a calma.
Perfeição moral	Atributo daquela que possui todas as virtudes ou qualidades morais consideradas ideais ou exemplares para uma época.
Pureza	A dissolução da sexualidade de tal forma que essa mulher seja lida como “intocada”, virgem.
Recato e pudor	Modéstia ou discrição, geralmente associado ao comportamento ou à vestimenta.
Sensibilidade	A capacidade de perceber as emoções que circulam no ambiente ao seu redor por mais silenciosas que sejam.
Vigilância	Estar sempre alerta, atenta e cuidadosa com as situações ao redor, com o objetivo de prever ou evitar possíveis problemas ou perigos.
Vocação	Disposição natural para uma atividade ou uma profissão

Fonte: a autora

A organização da tabela tem por finalidade permitir a observação mais direta e objetiva desses comportamentos ou de suas subversões em um produto midiático contemporâneo escolhido por nós. Isso porque, há mais de duzentos anos pretendeu-se que mulheres estivessem em sala de aula apenas se cumprissem uma extensa lista de atributos e interessa-nos contemplar a manutenção ou não desses atributos na professora representada na ficção seriada atual.

CAPÍTULO 2: RESSONÂNCIAS E LIMITES DO ESTEREÓTIPO NA SÉRIE “SEGUNDA CHAMADA”

Neste capítulo, pretendemos analisar a forma como a série “Segunda Chamada”, por meio da personagem Lúcia, dialoga com os atributos que listamos a partir das expectativas sobre a professora idealizada no início das atividades docentes femininas no Brasil. Não estamos em busca de uma interpretação definitiva sobre o objeto, mas de pontos de contato entre a norma desejada dois séculos atrás e um possível estereótipo que esteja em circulação ainda hoje. A ficção seriada televisiva, nesse sentido, pode ressoar alguns elementos que, quando destacados, permitem que os olhares se reconfigurem em relação à representação de professoras mulheres na mídia. Esses pontos podem ser ressonâncias diretas de um certo jeito de imaginar a mulher professora, podem ser reconfigurações ou podem ser contraposições que eventualmente se manifestem.

Buscamos uma série porque este é um gênero que representa o que Silva (2014) chamou de “repertório histórico” e o estudo “Paixão em Séries” (GLOBO/NBC UNIVERSAL, 2018) chamou de “espírito de uma época”, a nossa. Poderemos, então, olhar para uma fatia desse espírito que centraliza a docente feminina e tematiza o espaço escolar na contemporaneidade de maneira ficcional, a partir “(d)o ato ou o efeito do trabalho imaginativo” (BULHÕES, 2009, p.17). Assim como outras formas de produtos culturais, as produções midiáticas deste tipo são intrinsecamente relacionadas à sociedade em que são criadas e exibidas. Isso significa que as narrativas presentes nas ficções seriadas não estão desassociadas do contexto social em que surgem, mas, pelo contrário, estão integradas a ele. Consequentemente, tais narrativas podem ser utilizadas para detectar e diagnosticar preferências que, muitas vezes, são subentendidas ou naturalizadas em um determinado contexto cultural.

Para Bucci (2022), que observa os produtos midiáticos sob uma ótica diferente da nossa, o entretenimento nas mídias sintetiza artificialmente os mitos de nossa era porque os juízos de valor são fornecidos por uma indústria. Sem a pretensão de entrar na discussão sobre a artificialidade ou não, queremos identificar quais são esses juízos e como incidem sobre a representação da professora. Além disso, as séries propõem um jogo entre o que é repetido e o que pode, em sua constituição, ser inovado. É importante pontuar, porém, que embora essas

produções sejam frequentemente criadas com objetivos financeiros para as empresas que as produzem, isso não significa que os projetos no entretenimento midiático não possam ser usados como uma ferramenta valiosa para compreender e analisar as tendências culturais e morais de uma sociedade em um determinado momento histórico. Parecem-nos, por isso, objeto adequado para verificar rastros de continuidade moral de outro período histórico, também porque, sendo produtos de indústrias que têm o lucro como prioridade:

[...] (a) repetitividade, que é extensiva ao modo de produção, fundamenta-se na convocação dos mesmos subgêneros, na adoção de matrizes únicas, na utilização reiterada das mesmas estratégias e mecanismos estruturadores das narrativas[...]. Há, não obstante, a necessidade permanente de revestir esses produtos de base replicante com novas roupagens, o que, convenha-se, requer empenho e arte. Dessa forma, instaura-se uma permanente dialética entre repetição e inovação, entre identidade e diferença [...]. (DUARTE, 2017, p.18)

Como a série “Segunda Chamada” teve sua primeira temporada veiculada em televisão aberta, é bastante relevante o que pontua Lopes (2009) a respeito dessa televisão enquanto mídia com potencial para a manutenção de estereótipos; a autora defende que é nesse espaço que estão repetidas as representações sociais que se perpetuam na sociedade porque o produto televisivo tem grande entrada na maior parte dos lares brasileiros. Historicamente, a série é um formato que se originou na televisão e que foi, em seguida, adaptado para outras plataformas de exibição (AQUINO; SOUSA, 2017).

Uma vez que o intuito é verificar não apenas a reprodução de um estereótipo, mas também suas possibilidades de reconfiguração, a série é um ambiente em que as mais variadas temáticas sociais são tratadas com uma densidade maior. De acordo com Motter *et* Mungiolli (2003), essa densidade permitiu a ela antecipar algumas mudanças de hábitos, costumes e discursos sociais.

É nas séries, também, que o fator “identificação” aparece como justificativa para um consumo individualizado, geralmente diferente da novela — ainda que a novela armazenada no streaming também possa desencadear um sentimento de personalização. Bulhões (2009) associa o fenômeno a um mecanismo psicológico em que há a vinculação emocional com personagens ou situações ficcionais. Escolhe-se a série, nela se espelha e, dessa maneira, ela passa a integrar um conjunto de elementos que apresentam um “eu” a um “outro”. “A busca pela identificação e representação dos personagens é o que motiva a maioria (66%) a optar pelas séries como seu tipo de entretenimento favorito” sustenta pesquisa conduzida pela Globo e pela NBCUniversal (2022). A existência de uma segunda temporada do nosso objeto aponta para o sucesso dentro

de um nicho que se identifica com a narrativa apresentada e que tem interesse em consumi-la com autonomia.

Embora estejamos trabalhando apenas com a primeira temporada de “Segunda Chamada”, a segunda, com um número reduzido de episódios, foi liberada antes no streaming e só então foi exibida na televisão aberta, mostrando-se um produto passível de circulação em diferentes formas. Com a exibição relativamente fixa no que se considera a segunda faixa de shows da emissora, perto da meia-noite, a primeira temporada circulou entre 08 de outubro e 17 de dezembro de 2019. No Dia dos Professores de 2019, a série foi exibida em uma faixa de horários anterior, a fim de homenagear a categoria profissional e testar a audiência²³. A segunda temporada, lançada em 2021, encontrou um cenário — estimulado pela pandemia da Covid-19²⁴ — de aumento de consumo desse formato.

Assim, sendo uma série que se passa no ambiente escolar com uma professora bastante centralizada na trama e outras duas coadjuvantes que gozam de importante destaque, nossa intenção é, portanto, verificar se nesse produto midiático do século XXI conseguimos encontrar traços de um estereótipo ao qual tentamos dar forma no capítulo anterior, cujos principais predicados foram sugeridos à exaustão pelos círculos de poder da sociedade do século XIX. Caso a professora representada ressoe um conjunto amplo de similaridades com as expectativas documentadas sobre a docente feminina, isso poderia apontar para uma possível continuidade silenciosa da norma, para formas de ressonância tácita, para escolhas sociais que fazemos a respeito desse conjunto e que fermentam um processo de esterotipação. Apresentaremos, para isso, a série, seus personagens, a forma como decidimos organizar a análise e a análise em si de cada categoria escolhida.

²³ Disponível em: <<https://natelinha.uol.com.br/televisao/2019/10/11/no-dia-do-professor-segunda-chamada-inverte-horario-e-sera-exibida-mais-cedo-na-globo-135195.php>>. Acesso em 05 de abril de 2023.

²⁴ Disponível em: <<https://gente.globo.com/estudo-eu-nas-series/>>. Acesso em 05 de abril de 2023.

2.1. “Segunda Chamada”

A série, como já apresentada na introdução, parece se engajar na construção de um retrato sensível de uma realidade frequentemente marginalizada e silenciada. Dessa forma, se um ideal de docência feminina foi sendo construído com base em uma lógica de assimetrias de poder e desigualdades de gênero desde quase dois séculos atrás, parece-nos importante observar se sua manutenção está presente em uma obra que procura representar tantos elementos próximos a ele.

A respeito das significações e expectativas em torno das produções artísticas, Hall (2016, p.176), quando fala do cinema norte-americano, lembra que ele era o representante da arte popular do século XX e que, por isso, “se esperaria encontrar um repertório representacional muito diferente”. Ou seja, o autor nos dá informações que sustentam que nossas expectativas em relação a uma representação mais progressista de professora na série não são despropositadas e sim compartilhadas quando o contexto as constrói. No entanto, o que se apresentou nas produções cinematográficas analisadas por ele, diferentemente do que poderia ser, foi o que chamou de “gramática básica da representação”, documentada em estudos críticos. Analogamente, ainda que o corpo discente seja representado em “Segunda Chamada” com diversidade racial, étnica, etária, de gênero, religiosa, de orientação sexual e de outras identificações²⁵, ainda será necessário pensar em que medida a protagonista, a principal representante do corpo docente, também desvia dessa gramática que compõe um estereótipo.

A diversidade entre estudantes promove parte dos conflitos dos episódios, tendo em vista que essa convivência entre os diferentes se torna um exercício recíproco de tolerância, mas uma tolerância permeada por contradições. Os alunos e alunas reforçam em suas narrativas a presença da desigualdade econômica em seus cotidianos e subjetividades, o que lança luz novamente ao objetivo de fazer de “Segunda Chamada” uma série realista considerando que “a história oficial da EJA se confunde com a história do lugar social reservado aos setores populares. É uma modalidade do trato dado pelas elites aos adultos populares” (ARROYO, 2001, p.10).

²⁵ Lista de estudantes disponível em: <<https://gshow.globo.com/series/segunda-chamada/noticia/segunda-chamada-conheca-os-alunos-da-escola-estadual-carolina-maria-de-jesus.ghtml>>. Acesso em 05 de abril de 2023.

Carla Faour, uma das autoras, em um dos vídeos de apresentação da obra (TV GLOBO, 2019a), conta um pouco sobre o enredo: “os nossos alunos são todos trabalhadores, são todas pessoas que fazem dupla jornada e vão pra escola estudar à noite”. Joana Jabace, diretora artística, acrescenta que “o público pode esperar uma série que fala de histórias humanas, de dilemas brasileiros. Que fala de emoção, que fala de superação”. Para Faour, ainda no mesmo vídeo, os professores são os verdadeiros heróis dessa trama, o que também justifica nossa escolha pelo objeto.

2.2. Lúcia e os outros profissionais da escola

Figura 1: Foto do elenco de Segunda Chamada, série da Globo; da esquerda para a direita: Paulo Gorgulho, intérprete do diretor Jaci; Débora Bloch, intérprete da professora de Língua Portuguesa, Lúcia; Hermila Guedes, intérprete da professora Sônia, de História; em pé, Silvio Guindane, intérprete do professor de Artes, Marco André; e sentada, Thalita Carauta, intérprete de Eliete, professora de matemática.



Fonte: retirado de <<https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/veja-imagem-do-elenco-de-segunda-chamada-nova-serie-da-globo>>. Acesso em 06 abr. 2023.

Embora o enredo tenha outras personagens na docência e também o diretor da escola, Deborah Bloch é divulgada como a protagonista da atração²⁶ ao interpretar Lúcia, professora de Língua Portuguesa. Foi ela também quem venceu o prêmio APCA de melhor atriz em 2019

²⁶ Disponível em: <<https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/veja-imagem-do-elenco-de-segunda-chamada-nova-serie-da-globo>>. Acesso em 06 de abril de 2023.

representando a série²⁷ e, por essas razões, consideramos que é possível encará-la em posição de centralidade e, como se procura indicar na análise, de modelo. Para Bulhões (2009, p.98), “o personagem é uma espécie de centro de interesses fundamental em torno do qual se desenvolve uma narrativa” e Lúcia é aquela cujo destino estabelece uma espinha dorsal para toda a temporada.

“Lúcia” é um nome derivado do latim “lux”, que significa luz; ela é, então, luminosa, iluminada. Embora o nome da personagem possa ser apenas uma coincidência, os símbolos culturais com os quais dialoga conduzem nossa percepção a um universo de significações compatível com o que encontramos na ficção. Isso porque, no universo da educação e na constituição do pensamento filosófico ocidental, diferentes metáforas transitam pelos corredores entre luz e sombra: há a caverna de Platão, por exemplo; ou, dentro do movimento “Iluminista” (cujo próprio nome sugere a iluminação), há o “esclarecimento” de Immanuel Kant.

O nome, porém, é uma escolha para a adaptação televisiva, bem como traços de sua personalidade. No texto da peça em que a série é baseada, a professora de Língua Portuguesa chama-se Paloma e sua descrição é menos potente que as que encontramos nos *teasers* sobre a série:

Luta pela integração da biblioteca com a escola. Sensível, meio boba para a idade que tem. Ninguém lhe dá muito assunto. Tem boas intenções, mas ideias frágeis. Tem muito amor pela profissão, mas é uma professora mediana em sala de aula. Gosta de ser chamada de “Tia Paloma”. (BILAC, 2016, p.25)

Conforme observaremos ao longo da análise, a série "Segunda Chamada" busca retratar uma personagem muito diferente, que certamente não seria rotulada como boba por qualquer espectador. Há, também, uma densidade interessante no fato de que ao mesmo tempo em que ilumina, Lúcia carrega uma dor visível. Débora Bloch, em fala sobre sua personagem, afirma: “Como a personagem carrega essa dor o tempo todo, eu, de alguma forma, estava sempre carregando a dor dela”²⁸.

²⁷ Disponível em: <<https://gshow.globo.com/series/segunda-chamada/noticia/debora-bloch-fala-sobre-impacto-de-segunda-chamada-em-sua-vida-vontade-de-transformar.ghtml>>. Acesso em 06 de abril de 2023.

²⁸ Fala de entrevista disponível em: <<https://gshow.globo.com/series/segunda-chamada/noticia/debora-bloch-celebra-repercussao-de-personagem-em-segunda-chamada-um-dos-melhores-papeis-que-fiz-na-tv.ghtml>>. Acesso em 12 de maio de 2023.

A trama começa com um diálogo entre a professora e uma agente pública, que está investigando se o retorno dela à escola é uma decisão adequada. Neste momento, ainda não sabemos os motivos pelos quais essa personagem não está na sala de aula, o que aconteceu no passado e por que seu retorno pode não ser uma boa ideia. Ao longo da narrativa, descobrimos que o filho da personagem faleceu há menos de um ano na mesma escola em que ela pretende voltar a trabalhar. Essa tragédia pessoal se torna um fator importante na trajetória da personagem e é fundamental para entendermos suas ações e motivações ao longo da história.

Nessa cena, de aproximadamente 50 segundos, somos expostos ao que é mais central em sua constituição: ao seu dilema no início do enredo, à forma como a docência se encaixa em sua vida (que pouco se altera ao longo das temporadas) e, ainda que menos destacada em nossa análise, a sua apresentação física. Esta não pode ser totalmente descartada porque “o aparente imagético muito serve para figurativizar aspectos ‘internos’ do personagem: psicológicos, morais, comportamentais etc.” (BULHÕES, 2009, p.99) e esses aspectos internos podem, em determinados momentos, nos dar informações sobre a aproximação ou não do estereótipo que investigamos.

Assim, as primeiras imagens do primeiro episódio são de uma sala de aula vazia, embaçada pela luz do sol; há nessa sala carteiras escolares, estantes de livros, lousa, giz e mesa do(a) professor(a), elementos que identificam a ambientação e compõem um campo semântico. As imagens são acompanhadas de vozes distantes de pessoas rindo e conversando; são entrecortadas por sons musicais mais próximos que sugerem uma atmosfera de suspense e, quando em conjunto com as imagens, de devaneio, de imaginação, de lembrança. Alguns segundos depois, ouvimos pela primeira vez a voz de Lúcia, que inicia sua reflexão enquanto ainda passeamos por essa sala de aula, fantasmagórica e onírica. É quando compreendemos que a focalização está em primeira pessoa.

Figura 2: Sala de aula com névoa



Fonte: Printscreen do Episódio 1 (2019). Minutagem: 00:10

A inclusão de cenas imaginadas pela personagem evidencia uma memória afetuosa e idealizada do ambiente escolar, mesmo que posteriormente ela expresse uma visão menos otimista, afirmando que "todo dia tem um curto-circuito" na escola. Acreditamos que permitir que a protagonista nos guie através de sua perspectiva do ambiente escolar seja uma escolha importante para acessar suas emoções, que são coerentes com suas falas ao longo da trama. Bulhões (2009) atenta para o fato de que “a ficção midiática de massa costuma suavizar ou eliminar ambiguidades” (Ibid., p.100), o que confere à construção dos personagens “contornos definidos” e “funções estáveis” que se reforçam quando outros elementos também se mantêm (sua apresentação estética, por exemplo).

“Ser professora está no meu sangue”, afirma Lúcia, de forma a expor um dos principais traços de sua personalidade: acredita, como poderemos verificar em outros momentos, que é vocacionada. Vemos, então, rachaduras nos vidros das janelas e marcas de deterioração no teto e nos lustres enquanto a narração, ainda dela, acrescenta: “dar aula é mais que ensinar”. Os elementos de deterioração apontam tanto para as dificuldades materiais para se trabalhar no ensino público quanto metaforizam as diferentes formas de negligência emocional que os personagens trarão à tona ao longo da temporada. Para ela, seu papel na escola não é apenas exercido na transmissão de conhecimentos, mas também em intensa doação afetiva para acolher os problemas alheios, como ainda detalharemos adiante.

Figura 3: Teto da escola com névoa



Fonte: Printscreen do Episódio 1 (2019). Minutagem: 00:17

Após a cena de deterioração do ambiente escolar, a câmera passa a percorrer objetos que simbolizam a presença dos estudantes na sala de aula: pastas, livros, apostilas e uma lapiseira sobre a mesa. Essa imagem metonímica reforça a ideia de que o espaço escolar é, antes de tudo, o espaço em que estão os alunos. Enquanto a câmera percorre os objetos, a professora se expressa com emoção: "aprendi muito também. Pra mim é o melhor lugar do mundo. Quando eu estou com meus alunos, eu me sinto viva". A fala de Lúcia ressalta a importância que ela atribui ao seu trabalho como professora e a relação que estabelece com seus alunos. Essa relação, para ela, é mais do que um processo de transmissão de conhecimentos, é um meio de se sentir viva e conectada com a vida. A ideia de que o espaço escolar é um local de troca é reforçada por sua fala, que destaca a importância não apenas do ensino, mas também da presença dos estudantes na sua vida.

Esse discurso sugere que, quando não está com seus alunos, Lúcia sente-se diferente de quando está; "viva", nessa linha de raciocínio, é sinônimo de entusiasmada, inspirada, disposta, de tal forma que seu espírito encontra seu lugar no mundo quando está na escola cheia. Os sons dos passarinhos e do trânsito rompem o mergulho onírico e imaginativo. Nesse momento, vemos pela primeira vez a imagem de Lúcia, com o braço apoiado em uma das janelas de um edifício, e ela continua o relato: "sabe que eu sinto falta até do cheiro do giz?"

Figura 4: Lúcia (Debora Bloch) na janela



Fonte: Printscreen do Episódio 1 (2019). Minutagem: 00:26

“Mais que minha profissão, é minha alma”, afirma a professora enquanto senta-se frente à psicóloga com quem dialoga. A palavra “alma”, escolhida por ela, deriva do latim e, dentre muitos usos ao longo da história do ocidente, foi revisitada pelo cristianismo diversas vezes a fim de se referir a isso que “anima” (LIMA & FERREIRA, 2012), corroborando a intenção de associar a docência àquilo sem o que a personagem deixa de existir. “Se tiram a alma da gente, como é que faz pra ficar de pé?”. A interlocutora de Lúcia pergunta: “E você se sente pronta pra voltar a dar aula? Mesmo depois de tudo o que aconteceu?” “Sim, tô pronta.”. A cena termina com o sinal de início das aulas tocando.

Percebemos, então, por essa apresentação da personagem, que alguns de seus elementos descritivos e de suas falas são chave para a compreensão do que se quer enfatizar dela. Esses mesmos traços, essas mesmas falas, esse mesmo tom que é mobilizado para representar uma mulher que vive para a docência são recorrentes em outras peças de divulgação, embaralhados, em outra ordem, mas dizendo o mesmo com as mesmas palavras. O texto do *teaser* de apresentação de Lúcia confirma nossa percepção:

Ser professora é minha vida. Tá no meu sangue. É mais que ensinar, eu aprendo muito com os meus alunos. Cada um é como se fosse um filho meu mesmo. Eu tenho um apego muito grande por eles. A educação é meu norte, meu leme. Sem ela não tem sentido. É muito mais do que a minha profissão, é a minha alma. (TV GLOBO, 2019)

Figura 5: Lúcia (Debora Bloch) escrevendo sentada à mesa



Fonte: Printscreen de TV Globo (2019b). Minutagem: 00:10.

As três primeiras frases são idênticas às que já conhecíamos pela cena inicial e compõem um cenário que nos parece preparar para maiores similaridades com o universo da que denominaremos a partir daqui apenas como “professora ideal”, aquela docente normatizada no século XIX. O que se destaca neste trecho, no entanto, são os elementos adicionais que acrescentam profundidade à narrativa: “Cada um é como se fosse um filho meu mesmo” é uma fala que nos coloca diante de mais um momento em que fica explícito um diálogo com a professora ideal porque espelha uma categoria que exploraremos mais à frente sob a nomenclatura “maternidade”, que é o reconhecimento dos alunos da escola como se fossem seus filhos.

É necessário lembrar que esse atributo foi fundamental para a manutenção das mulheres em sala de aula há dois séculos porque eram justamente as funções atribuídas à maternidade que seriam necessárias ao exercício da docência à época, tendo em vista que essas mulheres tiveram sua presença validada primeiro na educação infantil. Lúcia, no entanto, é professora de EJA — está, portanto, cercada de jovens e adultos — e, embora na apresentação ainda não conheçamos sua trajetória, poderemos perceber ao longo da trama que em muitos momentos será evidente a performance do lugar da mãe de diferentes maneiras e em relação a indivíduos de diferentes idades.

Isso nos coloca de novo frente àquilo que um dia foi norma e entendemos que pode ter vindo a colaborar para a posterior composição de um estereótipo; ou seja, enquanto norma, ainda se buscava algum tipo de explicação — mesmo que sustentada em sexismo — e essa explicação tinha a infância como referência já que as crianças dependem de cuidados básicos durante muitos dos seus primeiros anos. No estereótipo, já sem qualquer necessidade de explicação, as fronteiras etárias se nublam e podemos observar como resultado uma representação de professora que mobiliza a maternidade

descolada de sua justificativa etária, aumentando sua potência repressora à medida que associa indistintamente a professora àquela que em qualquer circunstância deve portar-se como uma mãe igualmente idealizada.

Na espinha dorsal do enredo, a maternidade de Lúcia é a explicação para suas ações porque a protagonista está vivendo o luto da perda do filho, o que também é uma escolha narrativa deste projeto televisivo: a “Tia Paloma”, da peça em que a série foi baseada, é uma personagem que, embora seja muito doce, não tem sua vida pessoal revelada e não ocupa qualquer centralidade. Dessa maneira, é possível já nos primeiros contatos com Lúcia identificar que é construída discursivamente uma professora vocacionada e maternal; e também que o lugar que ocupa na organização do enredo reforça os vínculos entre a mãe e a professora ideal, alvo de elogios e homenagens na ficção.

No mesmo vídeo de apresentação em que falam as autoras e diretoras, Debora Bloch, que interpreta a protagonista, também é entrevistada. Uma de suas falas destaca que “Lúcia é uma professora diferente porque ela se envolve com os alunos pra além da escola.” (TV GLOBO, 2019a). Para nós, que encontramos já nessa apresentação discursos que alimentam paralelos com o estereótipo da professora ideal, o envolvimento com os alunos que a fala da atriz adianta tem tudo para reforçar a expectativa pela reprodução de mais atributos pré-selecionados. Talvez seja possível admitir que a percepção de Debora Bloch se constrói na comparação e no contraste com os outros professores e com o diretor da escola, que têm perfis diferentes. Ou até mesmo com a “Tia Paloma”, que não é um exemplo de conduta em “Conselho de Classe”.

Jaci, interpretado por Paulo Gorgulho, é o diretor. Sua presença na trama é fundamental como contraste em relação a algumas das características de Lúcia, de tal forma que a amorosidade, o cuidado, a docilidade, a paciência e a sensibilidade da professora ficam evidenciados na resolução dos diferentes conflitos do enredo que dependem também de Jaci. No vídeo de apresentação, em um breve diálogo com Lúcia, é perceptível que ele é representante da burocracia e da norma, frias e impessoais. É quem quer resolver os problemas que atravessam a escola e seus agentes por meio do que a lei determina. “Buscar aluno em casa não é obrigação de professor”, afirma ele. “Não importa, Jaci, o que importa é que ele não quer mais estudar. Eles podem desistir da escola, eu não desisto deles”, responde ela (TV GLOBO, 2019a).

Figura 6: Lúcia (Debora Bloch) e Jaci (Paulo Gorgulho) se entreolhando



Foto - Mauricio Fidalgo/Globo. Fonte: <<https://gshow.globo.com/series/segunda-chamada/noticia/marcos-winter-reflete-sobre-relacao-de-lucia-e-jaci-nao-tem-como-julgar.ghtml>> - acesso em 11 abr. 2023.

O lado mais sensível de Jaci é exposto na relação pessoal com Lúcia. Apenas a título de curiosidade, enquanto o nome “Lúcia” vem de “luz”, “Jaci” tem origem no tupi (*yacy*) e significa “Lua”, um corpo celeste sem luz própria. Essa diferença de significado pode nos conduzir a uma metáfora da relação entre as duas personagens: Lúcia não apenas tem sua própria luz e sua própria alma direcionadas à escola como também é capaz de conduzir um outro, menos conectado às subjetividades dos alunos, a um olhar mais empático.

Na trama, a dinâmica de poder que a hierarquia profissional cria não é abordada em relação ao romance secreto entre Jaci e Lúcia, sugerindo uma certa naturalização da relação. É interessante notar que, nesta mesma temporada, o personagem também se envolve com outra professora, Eliete, e novamente não há menção às assimetrias de poder decorrentes dessa relação. No entanto, o segredo e o tabu em torno do primeiro relacionamento se dão pelo fato de que ambos os envolvidos são casados com outras pessoas, o que acrescenta uma camada de complexidade e tensão à narrativa. No segundo caso, tanto Eliete quanto Jaci podem assumir publicamente a relação (o que acontecerá na segunda temporada). A falta de discussão sobre as dinâmicas de poder presentes nas relações amorosas entre os personagens deixa o questionamento sobre serem um reflexo da naturalização dessas assimetrias na própria sociedade.

Paulo Gorgulho, em entrevista, afirma sobre essa relação algo que conduz a leitura a mais um atributo de nossa pré-seleção. Ele diz: “Eles se apaixonaram, é verdadeiro o sentimento

deles, levando sempre em conta se a relação deles não vai interferir numa coisa que eles consideram mais importante que é a oportunidade que eles devem dar a esses alunos que vêm frequentar o ensino noturno...” (TV GLOBO, 2019a). Dessa maneira, embora seja um romance interdito pelo estado civil de ambos, o que pode para alguns espectadores causar um ruído que inviabilize a perfeição moral de Lúcia, é um romance que oferece em troca a declarada abnegação desejável e a discrição necessária. O romance pode existir desde que não afete a priorização dos estudantes.

Sônia, professora de História interpretada por Hermila Guedes, é apresentada como uma personagem complexa, cujo comportamento áspero e inflexível é resultado de uma vida marcada pela violência doméstica e pelo cansaço de ter que sustentar a família sozinha. Dentro da escola, é ríspida e intolerante com a situação dos estudantes e dos colegas na maior parte do tempo. Ainda que seu desejo de mudança seja evidente, ela parece presa em um ciclo de dor e sofrimento que a impede de se libertar. Julia Spadaccini, autora da série, diz que “Sônia é uma mulher que tem que sustentar uma família, então ela tá sempre muito exausta, cansada, às vezes ela parece uma mulher amarga, mas na verdade é uma mulher muito sofrida” (TV GLOBO, 2019a). Essas violências se reproduzem contra ela também no ambiente escolar, onde Eliete, a professora de Matemática, a alerta muitas vezes. Essa abordagem sensível e realista de um tema delicado como a violência doméstica e suas repercussões na vida das mulheres é uma das marcas da série e revela a habilidade da equipe criativa em lidar com assuntos sensíveis de maneira responsável e empática.

Thalita Carauta é quem dá vida a Eliete, uma professora de Matemática que se destaca por seu bom humor e envolvimento emocional com os alunos. Em contraste com Lúcia, Eliete tem uma personalidade mais despojada e um senso de humor ácido que a torna mais reativa e menos paciente, ainda que igualmente afetuosa. Sua atitude menos recatada e mais direta parece se traduzir em um cuidado menos maternal em relação aos estudantes, demonstrando que há diferentes formas de se expressar o afeto e a preocupação com o bem-estar dos outros. Essa caracterização de Eliete como uma professora mais extrovertida e espontânea acrescenta ainda mais densidade ao universo retratado na série, mostrando que não existe um único modelo de docente ideal, mas sim uma diversidade de personalidades e abordagens que podem ser igualmente eficazes na formação e no cuidado dos alunos.

Figura 7: Sônia (Hermila Guedes) e Eliete (Thalita Carauta) na sala dos professores



Fonte: Printscreen do Episódio 1 (2019). Minutagem: 07:56

Marco André, interpretado por Silvio Guindane, é apresentado como um professor de Artes jovem e idealista, recém-chegado à escola e que deseja se adaptar à realidade do ensino público. Sua personalidade e o lugar a partir do qual interpreta o mundo são diferentes daqueles que já trabalham na instituição, especialmente Lúcia, a protagonista da história. Enquanto tudo é novo e desafiador para ele, para Lúcia é sua rotina e seu modo de vida. Ela mesma afirma que sua alma é composta por tudo aquilo que Marco André está descobrindo agora. São Jaci, Eliete e Lúcia que mais colaboram de forma explícita para que ele se sinta acolhido e possa se adaptar ao ambiente escolar. Cada um deles contribui à sua maneira, com suas próprias histórias e experiências, para ajudar o novo professor a compreender o sistema educacional público e os desafios enfrentados pelos alunos e professores.

À medida que a trama se desenvolve, vamos descobrindo mais sobre as motivações do personagem. A ida do professor à escola Carolina Maria de Jesus é explicada pelo fato de que sua mãe biológica vive na comunidade atendida pela escola. Essa aproximação não apenas o conecta ao seu passado e às suas origens, mas também o leva a uma compreensão mais profunda da realidade social e econômica da comunidade em que sua mãe e seus irmãos vivem. É como se o envolvimento com a escola e com seus alunos não fosse apenas um ato de solidariedade, mas também uma forma de redescobrir a si mesmo e sua identidade. A presença do professor na escola é, portanto, mais do que um simples trabalho, mas uma jornada emocional que o leva a se conectar com a realidade da comunidade e a descobrir mais sobre si mesmo.

Figura 8: Marco André (Silvio Guindane) comendo



Fonte: Foto - TV Globo. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/series/segunda-chamada/noticia/marco-andre-e-ameacado-de-morte-por-aluno.ghtml>> - acesso em 11 abr. 2023.

Assim sendo, o grupo formado pelo diretor Jaci e o conjunto de professores constitui esse pequeno universo que, em razão de sua diversidade, auxilia na identificação dos elementos que singularizam Lúcia, contribuindo para delinear as aproximações e os distanciamentos com o estereótipo de uma professora ideal.

2.3. As categorias de análise

Com o objetivo de realizar uma análise mais precisa e objetiva da série selecionada, optamos por criar cinco categorias que agrupam atributos específicos de uma professora ideal. Para isso, utilizamos como base a tabela de características listadas em nossa pesquisa bibliográfica sobre as expectativas depositadas nas primeiras docentes do país. Dessa forma, agrupamos as características que apresentavam maior proximidade entre si e as organizamos em conjuntos que funcionarão como campos semânticos, como nuvens de palavras análogas. O intuito dessas categorias é menos estabelecer uma visão rígida dos eventos e mais sugerir aproximações sob uma mesma atmosfera.

Como nosso olhar tem como foco a personagem Lúcia, aproveitamo-nos do fato de que tanto os vídeos de apresentação como a cena inicial, já descritos, conduzem para a

expectativa de que essa personagem tome suas decisões e se relacione com os outros de uma maneira que nos permita insinuar maiores aproximações com um ideal estereotipado ao longo do tempo. No entanto, não estamos limitados apenas a essa perspectiva e estamos abertos a analisar excertos que possam surpreender e desafiar essa expectativa inicial, ampliando nosso entendimento sobre a personagem.

Também queremos compreender a Lúcia professora em situações dentro da sala de aula, em outros ambientes da escola e fora da escola. Essa subdivisão, quando couber, nos permitirá um grau maior de minúcia e dará informações sobre a personagem quando está oficialmente no exercício da profissão (quando se relaciona com a disciplina que leciona, quando explica, tira dúvidas, escreve na lousa etc.), quando é uma funcionária da escola, mas não está atuando (nos corredores, na sala do diretor, na sala dos professores, no pátio, nos banheiros...) e quando sai da escola (nos ônibus, nas ruas, nas casas dos alunos, em sua própria casa...).

Desejamos entender se o produto midiático em questão, que representa o espírito de uma época, apresenta a professora ideal somente durante sua atuação profissional ou se esse ideal se estende à personagem como um todo, mesmo quando ela não está lecionando. Até o momento, essa figura nos foi apresentada como alguém que, fora da sala de aula, perde sua essência e sua vida. Entretanto, nos questionamos sobre o que acontece com ela em outros ambientes, quando não está exercendo sua profissão. Essa reflexão nos leva a explorar se o ideal da professora se estende além do ambiente escolar ou se é restrito à sua função de educadora.

Além disso, embora possamos eventualmente mencionar ângulos, enquadramentos ou figurinos, nossa intenção não é abordá-los de maneira técnica. Acreditamos que esses elementos fornecem informações valiosas sobre a obra e podem levar a interpretações sobre a representação da professora em relação ao estereótipo. No entanto, optamos por uma análise que priorize o diálogo direto com as categorias que construímos.

Dessa maneira, cada categoria a seguir conta com os atributos agrupados — cuja função é sensibilizar para os limites difusos que se desenham —; com uma breve explicação de nossa compreensão sobre ela — em diálogo com as fontes das pesquisas que conduziram o capítulo 1 —; e com um conjunto de cenas, análises e momentos da primeira temporada de

“Segunda Chamada” em que as falas, ações ou escolhas da personagem Lúcia nos pareçam dialogar com a categoria em questão. Cenas de Eliete e Sônia, as outras professoras presentes no enredo, também serão consideradas: ou porque reafirmam a categoria ou porque contrastam com o comportamento protagonizado por Lúcia.

Embora o exercício de separação dos atributos faça parte de nossa escolha metodológica, observaremos interseções entre as categorias que, de forma inevitável, têm suas fronteiras borradas. Por vezes, então, uma mesma cena poderia ilustrar diferentes aspectos, como sinalizaremos quando for o caso.

Vale ressaltar que se estamos em diálogo com um possível estereótipo em circulação e a representação estereotipada é geralmente caricata para que a identificação ocorra sem muitos desvios, não é de nosso interesse destacar eventuais formas diferentes de manifestação de cada atributo em nenhuma de nossas categorias. Queremos pensá-los aqui no limite do hiperbólico. Isso porque, como aponta Freire Filho (2004, p.47),

os estereótipos, a exemplo de outras categorias, atuam como uma forma de impor um sentido de organização ao mundo social; a diferença básica, contudo, é que os estereótipos ambicionam impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade.

Também é Freire Filho (2004, p.48) que sintetiza o diálogo com diferentes autores sobre estereótipo ao afirmar que ele “produz um efeito de verdade probabilística e previsibilidade que, no caso, deve sempre estar em excesso do que pode ser provado empiricamente ou explicado logicamente”. É do excesso, portanto, que queremos contaminar as categorias.

2.3.1. Um “eu” humilde e subjugado

Atributos pré-listados que foram agrupados nesta categoria: abnegação, sacrifício, dedicação, disponibilidade, doação, entrega, renúncia de si, docilidade, humildade, submissão e vocação.

Em busca da compreensão da personalidade que se identifica com esses atributos, procuraremos aqui construir uma costura entre eles, ou seja, um universo de aproximações em que eles colaborem para a compreensão um do outro. Assim, a subjetividade que decorre do conjunto selecionado para esta categoria apresenta uma forte inclinação para abdicar de seus próprios interesses e, às vezes, acaba por desempenhar o papel de mártir.

Nesse sentido, a personalidade integrada e atravessada por esta seleção é a que, em favor de seus ideais, se coloca em risco físico também se for preciso. Quando ela é atribuída a uma professora, seu desejo manifesto e prioritário é o bem-estar e a felicidade do outro, geralmente o aluno. Contudo, se esse aluno é a razão de sua existência, o acúmulo de bens e a ostentação de riquezas não são comuns, pois esses desejos entrariam em conflito com o altruísmo que se quer manifestar por serem motivados por uma dinâmica social individualista e competitiva, que desvia dos fazeres que não tragam retorno financeiro.

Haveria, para justificar a permanência passiva nessa posição, uma disposição natural — como um dom previamente atribuído — para uma atividade ou profissão. “Vocação” é uma palavra de origem latina que se refere ao ato de chamar, a um chamado. Dessa maneira, entendemos que para quem se considera vocacionado, a profissão é um dever e, frente às adversidades que possa apresentar, a humildade e a submissão são a melhor saída. A vocação pode ser uma das razões pelas quais a professora ideal não costuma questionar sua própria entrega ao fazer docente, despolitizando-o, ou seja, destacando-o de um fazer social complexo do qual faz parte.

Essa professora é, assim, constantemente generosa, doa-se e doa o que tem a um outro cujo sucesso é o objetivo. A maior parte de seu tempo é também sacrificada em prol das mesmas questões: há prontidão e empenho em oferecer energia e esforço para cumprir combinados — verbais entre os sujeitos ou aqueles cuja fonte é moral. Soma-se a isso a tendência a ser dócil e submissa, alguém fácil de conduzir.

A categoria pode estar presente na educação de diferentes maneiras. Uma educadora abnegada é aquela que se dedica inteiramente a seus alunos, muitas vezes sacrificando seus próprios interesses pessoais em prol do sucesso dos estudantes e algumas atitudes podem exemplificar o comportamento, como a disponibilidade para atender aos alunos fora do horário de aula ou a vontade de ajuda-los a superarem obstáculos, não apenas no âmbito escolar, mas também pessoal. Como resultado dessas características, essa mulher, então, nas dinâmicas em que está, demonstra disposição para se adaptar às circunstâncias e para a manutenção de uma vida sem ostentações. Ela é uma figura esforçada, responsável e adaptável às circunstâncias, o que a faz ser vista como alguém com poucas ambições materiais.

Dessa maneira, a série "Segunda Chamada" traz à tona situações que podem ser analisadas à luz dessa categoria. Em primeiro lugar, destacamos as demonstrações de vocação. Em seguida, as de simplicidade ou de escassez de recursos financeiros das professoras, que, desde o início da temporada, contribuem para a compreensão de suas realidades.

A cena de abertura, como já descrevemos, nos apresenta Lúcia negociando sua volta à docência depois de um tempo de afastamento. Essa cena se desenvolve parte dentro da escola — quando acompanhamos o que parecem ser suas memórias — e parte fora dela, quando somos trazidos para o momento e para o local da enunciação: uma sala de atendimento em um prédio comercial. O assunto do diálogo é a forma como Lúcia se sente em relação a sua profissão para que possa ser feito um aparente diagnóstico que autorize sua volta.

Percebemos, na troca de palavras da cena, a confiança numa dada vocação, como se nela se encerrasse qualquer dúvida sobre o ensino ser seu único destino possível. Entender-se vocacionada é não apenas ter certezas sobre si, dado que essa vocação seria natural, mas poder transmitir aos outros essa mesma certeza que dificilmente será questionada. Este é, portanto, um protocolo de leitura que se faz com o espectador, que verá Sônia, a professora com posturas menos amorosas, expressando a vontade de deixar a sala de aula. Em conversa com outro personagem, ainda no primeiro episódio, Sônia diz que não está bem, sugere que ele fuja daquela escola o quanto antes e afirma: “tô tentando [fugir] há dez anos e não consigo”. A alma de Lúcia, porém, é essa mesma escola, essa mesma sala de aula, indiscutivelmente.

Além disso, algumas falas da protagonista reforçam a sala de aula como o “seu” lugar: “Sou professora com muito orgulho, hoje ser professora valeu a pena” (quinto episódio); “Eu

acho que meu lugar é aqui na escola. O que me faz bem é dar aula. É isso que me mantém de pé” (nono episódio).

Quanto às expressões de simplicidade, também nas primeiras imagens da série, os alunos de Lúcia aparecem se deslocando de transporte público. Em seguida, a vemos também no ônibus, uma ação que se repete algumas vezes ao longo dos onze episódios. As cenas mostram uma aproximação entre a realidade da protagonista e aquela vivida por seus alunos; nesse sentido, consideramos que há um diálogo com as descrições desta categoria. Se estamos investigando a presença, a reconfiguração ou a ausência de elementos de um estereótipo em uma ficção seriada, não podemos desconsiderar o fato de que essa representação é uma escolha narrativa: importa para a trama que a professora se locomova de transporte público desde o início do primeiro episódio, tal qual alguns dos outros personagens, cujas realidades são explicitadas pela arquitetura e pelo urbanismo dos lugares pelos quais circulam: evidentemente periféricos pela proximidade das moradias e pela falta de infraestrutura (há lixo e buracos nas vias), por exemplo. A comunidade atendida pela escola é apresentada também por meio das construções precárias, das habitações e dos comércios informais que são cenário em alguns momentos. É importante lembrar que esses elementos não são determinantes para definir se um espaço é periférico ou não, mas são indicativos que podem ajudar a compreender a realidade dessas áreas e de seus moradores, como a maior parte dos alunos da escola retratada.

Lúcia não mora nesse mesmo espaço; seu apartamento, que aparece em outros momentos, apresenta características arquitetônicas e objetos de decoração que o diferenciam das moradias da comunidade. Então, a aproximação por meio do uso do transporte público pode ser uma intersecção entre essa mulher de classe média e seus alunos. Fora da ficção, uma professora se locomover “como os alunos” pode ter diferentes explicações, como ela não ter um carro, isso ser o seu desejo, seu carro estar quebrado no dia, o medo de que ele seja roubado, dentre outras possibilidades. No entanto, Hall (2016) reforça que a estereotipagem estabelece uma fronteira simbólica entre as “pessoas de dentro” e os “forasteiros” (Ibid., p.192). Nesse sentido, a ficção pode deixar pistas de quem evidentemente faz parte de um grupo e de quem não faz; de quem é professor e de quem não é.

Dialoga com essas cenas no transporte público a chegada de Marco André, o professor de Artes, mais à frente no primeiro episódio, de carro à escola. Marco André é o novato, o “outsider”, aquele que ainda não tem nenhuma familiaridade com as pessoas do lugar e que não

sabe tomar decisões dentro das regras partilhadas ali. Em contraste, Lúcia é a “insider”, alimentando a imagem de que ela e a escola estão em completa sintonia mesmo quando ela está fora de seus muros.

Há, então, a possibilidade de que, ao estar no ônibus repetidas vezes, Lúcia reproduza um fragmento da categoria, associado à humildade material ou à simplicidade. Assim, consideraremos leituras que expõem semelhanças entre a protagonista e a professora ideal, embora seja difícil precisar as intenções da série neste ponto. Vale, nesse sentido, trabalhar um pouco mais sobre essas cenas do ônibus pensando a partir de duas interpretações possíveis.

A primeira delas considera que Lúcia não tem um carro. Ferreira (2016) procura compreender de que forma o carro constituiu-se nas sociedades contemporâneas como um símbolo de distinção social. Embora não nos aprofundemos nessa questão, considerá-la é importante para o argumento dessa leitura. Segundo a autora, os ritos sociais que se dão por meio das formas de consumo às quais nos habituamos estimulam que a ascensão social seja acompanhada da aquisição e do uso de um carro. Ela ressalta que “não se trata de um desejo particular das elites, pois o sonho e o acesso ao automóvel foram ‘democratizados’”, e que “o automóvel, portanto, é mais que um bem necessário e utilitário, pois está em grande medida envolvido em um cerimonial social” (p. 135). Logo, quando Lúcia aparece no ônibus, pode haver algo importante sendo dito.

Existiria, assim, uma possível insinuação de que professoras de escolas públicas não têm condições financeiras de ter um automóvel (Sônia e Eliete também não têm) e que, dessa forma, participam dos ritos compartilhados com os alunos mais pobres, às vezes desempregados. O “professor sem dinheiro”, como já vimos, é um estereótipo que antecede a docência feminina no Brasil. No entanto, também na história da entrada das mulheres na sala de aula no país a questão financeira se desenha: para o ensino infantil, elas eram a mão de obra barata e pouco qualificada que permitiu aos homens buscarem profissões mais rentáveis (LOURO, 1997). Dessa forma, a professora ideal não dispõe de muitos recursos financeiros e, se esse for o caso de Lúcia, o paralelo está presente.

A segunda possibilidade de leitura é a escolha voluntária por não ter ou não utilizar um carro, o que, no caso da protagonista, parece ser uma boa hipótese porque outros elementos de sua vida privada, como sua casa, apontam para uma rotina financeiramente mais organizada

nos limites da classe média — frequentemente usuária do transporte motorizado individual. Ainda segundo Ferreira (2016, p.135), “o carro abrange aspirações de ostentação que estão além do seu valor instrumental e de troca, pois ligam-se ao propósito de diferenciação em relação aos outros” e essa diferenciação cria automaticamente uma desigualdade. A personagem, porém, parece seguir em sentido contrário à vontade de ostentar ou de estar em posição desigual em relação a quaisquer outros; nesse sentido, está presente a manutenção de uma vida sem ostentações e a conseqüente atenuação das desigualdades que poderiam se estabelecer em relação aos alunos por meio de um bem de consumo.

Dentre os atributos que colaboram para a composição desta categoria, estão a procura por dignidade e virtuosidade nas práticas mais humildes, em sentido oposto ao que propaga uma sociedade de consumo, que o remete justamente “à busca de dignidade e de virtuosidade.” (FERREIRA, 2016). Dessa maneira, se Lúcia escolhe o uso do transporte público, é possível ler essa escolha também dentro de uma representação idealizada.

As outras professoras representadas na série são igualmente atravessadas pelo caráter econômico que esta categoria simboliza. Sônia, a professora de História, descreve seu ambiente doméstico — a cujas imagens temos acesso em diferentes momentos da temporada — como um lugar em que não há silêncio ou privacidade e reclama que o marido não tem iniciativa para procurar um emprego. Ela, no entanto, aceita sua atual condição porque vive de favor na casa da sogra com seus filhos. Eliete, a de Matemática, enquanto organiza os produtos que vende clandestinamente na sala dos professores, afirma que não teria paciência para viver o que Sônia vive (episódio 1). A cena reproduz a ideia da professora sem dinheiro: de um lado, Eliete, que sabemos depois viver na mesma comunidade que os alunos, revende produtos para complementar sua renda; do outro, Sônia mora de favor na casa de alguém com quem não tem uma boa relação.

Em diferentes episódios, vemos essa mesma Eliete — que depende da renda extra da venda de produtos nas dependências da escola — dando prêmios como desodorantes ou meias para os estudantes que acertam respostas dos exercícios que coloca na lousa. A questão financeira, nesse ponto, embrenha-se intimamente com a doação de si. Dessa forma, as três representantes da docência feminina na série espelham, embora de maneiras diferentes, os atributos relacionados às questões materiais da categoria.

Enquanto suas escolhas e condições de vida apontam para a construção das personagens como mulheres afetadas pela condição salarial do ensino fora dos muros da escola, há situações dentro do ambiente escolar que também compõem o cenário. Ao final do segundo episódio, Lúcia é suspensa devido a sua atuação impetuosa na solução do problema de uma aluna. No terceiro episódio, cujo enredo enfatiza a precariedade física do ambiente escolar em uma noite de chuva, Lúcia está lá e a narrativa nos rememora que ela não deveria estar. Sua justificativa é que não pode deixar os alunos na mão (dever que repete também em outros eventos).

Sacrifica-se, dedica-se, entrega-se. Suas decisões, como apontam incontáveis situações na trama, mesmo que infrinjam códigos formais da vida social, se justificam pelos códigos morais: o amor aos alunos, como exploraremos na segunda categoria, é a lei que orienta esta mulher. No dia seguinte àquele em que sofre um assédio sexual de um aluno nas dependências escolares, Sônia também diz, na sala dos professores: "Deveria [ficar em casa], mas não posso deixar meus alunos na mão". Esse "eu" professora, então, na representação dentro desta ficção seriada televisiva, renuncia a si com frequência para que o outro esteja amparado. É a protagonista, porém, que concentra essa experiência.

Uma das diferenças de Lúcia, nessa categoria, é a intensidade e a frequência com as quais opera dentro dessa atmosfera de abnegação e de renúncia de si. Mas a precariedade do ambiente físico escolar e as difíceis vidas dos alunos convocam todos da escola a constantemente tirarem um pouco de si e trabalharem em favor da priorização da educação daquelas pessoas que, a despeito de suas realidades conturbadas, querem se formar. Se as salas de aula alagam, são os professores que criam, inventam e empenham força física para tentarem dar suas aulas. Se alunas dão à luz ou abortam nas dependências da escola, há sempre uma das professoras presente (dentro da escola, mas também nos desdobramentos fora dela, como no hospital). Esse cuidado e essa presença dialogam com o que exploraremos na terceira categoria.

Diferentes cenas ilustram também o que descrevemos em nossa tabela de atributos como "prontidão e empenho em oferecer tempo, energia e esforço para cumprir compromissos e ajudar outras pessoas quando necessário". Na chegada de Marco André à escola Carolina Maria de Jesus, é Lúcia quem prontamente se oferece para apresentar o ambiente ao novato, num gesto de dedicação e também de doação de seu próprio tempo (considerando que essa função talvez fosse de Jaci). Curiosamente, a vemos muito pouco na sala dos professores e seus

intervalos entre aulas parecem ser ao longo de toda a temporada utilizados para resolver problemas alheios.

A caminhada dedicada pela escola com Marco André permite que ela lhe explique a dinâmica do ensino noturno. Cruzam com um aluno que diz não saber se conseguirá voltar no dia seguinte, ao que ela pacientemente responde que tudo bem, que “é um dia de cada vez” (“paciência” é um atributo que consideramos parte de nossa segunda categoria). Sua caminhada segue segura pelo corredor enquanto Marco tem um andar estabonado, inseguro, que apenas a segue. Ela diz que mesmo nem sempre sendo fácil, ele verá que estar ali vale a pena, em tom de quem adverte que o sacrifício é recompensado.

Ainda sobre abnegação e dedicação, outras cenas são relevantes. Sem conseguir usar nenhum dos banheiros da escola por ser travesti, por exemplo, Natasha em um dos episódios é conduzida por Lúcia ao banheiro de funcionárias e Sônia se incomoda com o trânsito de alunas no espaço das professoras. Sua crítica, que busca preservar seu tempo e seu espaço de intervalo, no entanto, ao ser enunciada por alguém constantemente mal-humorada, corre o risco de perder-se como uma crítica válida na interpretação do espectador, de tal forma que a escolha por associar a esta personagem a reclamação é uma escolha narrativa que, mais uma vez, insiste que a boa professora deve sacrificar seu tempo e seu espaço em favor dos alunos.

Em sua relação com Jaci, assimétrica pela natureza profissional, a protagonista também demonstra sinais de abnegação. No final do primeiro episódio, ficamos sabendo que ela vive com o marido debilitado por um AVC que depende dela para o cuidado diário (por quem se responsabiliza diligentemente) e também que se sente culpada pela condição dele sem que a narrativa dê ao longo dos onze episódios qualquer razão para isso. Assim, embora viva um romance com o diretor da escola, afirma categoricamente: “Não posso abandonar um homem doente”, mostrando sua relação com um dever moral. É apenas no final da temporada, quando descobre que o marido teve uma atuação negativa na situação que levou à morte do filho do casal — um momento de grande impacto emocional para a protagonista —, que ela manifesta o desejo de separar-se (embora afirme que seguirá com os cuidados dele, reafirmando a ética do cuidado e a responsabilidade individual diante de circunstâncias difíceis).

Esse relacionamento disposto em uma estrutura hierárquica, que só é abalado no sétimo episódio, é, dadas as condições, secreto e discreto (“discrição” é um atributo que

alocamos na nossa quarta categoria). Sempre que o diretor manifesta o desejo de resolver a situação para que possam ficar juntos, é Lúcia quem recua. "Eu acho que não sou boa esposa, não fui boa mãe e não estou sendo boa para você também", afirma ela em uma das discussões, quando não aceita viajar com Jaci (episódio 5). E, como já ressaltamos, não há qualquer discussão acerca da hierarquia profissional que estrutura a relação, embora a professora identifique que "o professor ter um caso com um aluno é abuso de poder", como afirma no décimo episódio. Jaci envolve-se também com Eliete no fim da temporada e Lúcia é quem, mais uma vez, renuncia a seus sentimentos, que sabemos ainda estarem presentes.

Por fim, o último aspecto desta complexa categoria que nos interessa ressaltar relaciona-se às inúmeras situações em que a professora protagonista se coloca em perigo em favor de seus alunos ou até mesmo de crianças que não estão sob sua responsabilidade (filhos de alunos). Para evitar que um bebê seja devolvido ao pai — um matador — nos primeiros episódios, Lúcia é sequestrada, tem uma arma apontada para sua cabeça e para sua cintura. Afirma valente que o homem pode atirar, mas que não entrega a criança para um assassino.

Em outro episódio, Lúcia se vê no meio de um assalto na escola, quando um de seus alunos, Maicon Douglas, decide roubar os colegas para ajudar sua família. É na sala de aula de Lúcia que ele entra, é ela quem evita seu linchamento, que permite sua fuga e quem fica com a culpa pela morte do rapaz, que é baleado por integrantes de um grupo criminoso local. Sobre o assunto, ela afirma: "Eu sempre fico com a sensação de que eu podia ter feito mais. Eu fiz o que eu pude pra salvar o Maicon, Jaci".

Dessa forma, diferentes situações na temporada desencadeiam ações dos personagens, mas especialmente de Lúcia, que apontam abnegação, sacrifício, dedicação, disponibilidade, doação, entrega, renúncia de si e humildade, por exemplo. A atmosfera engendrada por esse "eu" humilde e subjugado encontra ressonâncias nas representações destacadas e forte diálogo com as outras categorias.

2.3.2. Uma sujeita que afeta e é afetada a partir do amor

Atributos pré-listados que foram agrupados nesta categoria: afetividade, amorosidade, fragilidade, paciência e sensibilidade.

Esta categoria tem como espinha dorsal a circulação das emoções. Tal qual a anterior, será provocada pelos excessos, pela caricatura. A professora ideal, que aqui é quem promove a manutenção de uma dinâmica social conduzida pelo amor, se relaciona com os outros de forma empática e carinhosa. Ela busca estabelecer uma relação baseada em um acolhimento respeitoso, transmitindo confiança e segurança aos seus interlocutores. Ela incentiva a cooperação, a colaboração e o cuidado mútuo, cultivando assim uma dinâmica social saudável e harmoniosa. É também capaz de dar amor aos alunos.

Entenderemos aqui como amorosas as relações em que um outro é legitimado. A legitimação afetiva se refere ao reconhecimento emocional, subjetivo e pessoal que uma pessoa recebe de outra, o que pode influenciar sua autoestima e seu senso de pertencimento. Esse afeto, portanto, interfere na atuação em comunidade.

Além de agir amorosamente, essa professora promove, portanto, um ambiente em que os outros também se sintam convidados a comportar-se da mesma forma, considerando-os em toda a sua humanidade e perdoando as possíveis falhas, as vulnerabilidades ou as fragilidades, que só ficam expostas em uma relação entre humanos que se veem como humanos. É justamente a troca de afetos que as expõe, bem como expõe as delicadezas e toda forma de suscetibilidade a questões emocionais. O exercício feito constantemente pela professora nesse universo de afetos também parece sensibilizar para a percepção das emoções que circulam ao redor, por mais silenciosas que sejam. Ela é, dessa maneira, quem tem uma percepção aguçada e quem é capaz de acolher, de abraçar e de — literal e metaforicamente — pegar no colo, fornecendo suporte.

Dar suporte a outra pessoa, por sua vez, pode envolver oferecer ajuda prática, emocional ou financeira, dependendo das necessidades da pessoa, como já trabalhamos na primeira categoria. Aqui, é importante ressaltar que, embora haja uma intersecção, a relação entre ter paciência com outra pessoa e dar suporte a ela está na habilidade de respeitar o tempo

e as necessidades do outro, permitindo que ele se sinta compreendido e aceito, ou seja, amado. A paciência, por isso, também é um elemento presente nesta configuração e dialoga tanto com uma forma amorosa de estar na presença de um outro quanto com o que já elaboramos na primeira categoria como docilidade e humildade.

Nesse sentido, esta é uma das categorias que mais parecem estimular nossa percepção sobre Lúcia na série porque está presente tanto em falas quanto nas diversas situações em que ela se decide pelo toque físico, pelo carinho. Ao encontrar um aluno fora da escola, por exemplo, ainda no primeiro episódio, ela o convida a voltar para a sala de aula. “Tô trabalhando”, reage o rapaz ao convite da professora. “Falta pouco para você se formar, Victor”. “Me formar para quê? Aqui na rua eu ganho mais que a senhora”. Lúcia não responde à provocação, não parece ofendida com a fala de seu aluno, demonstrando compreensão em relação às emoções que circulam ao seu redor, identificadas na lista de atributos como “sensibilidade” e “paciência”. Parece reconhecer e dominar profundamente a realidade que produz a forma como o rapaz vê a escola e escolhe não debater. Em vez disso, segura a parte traseira de seu pescoço num gesto carinhoso de aproximação e reforça: “Tô te esperando na escola”, deslizando a mão pelo rosto dele de maneira afetiva e amorosa.

Sônia é quem mais representa a dureza e é ríspida com os outros, trazendo um contraponto, uma outra representação docente que, na trama, opera como oposição à protagonista. Maicon, por exemplo, é um aluno que não consegue manter-se acordado durante uma prova aplicada por ela. Quando ele se desculpa e diz que trabalhou o dia todo, ela afirma ter dado aula em duas escolas, ter cuidado de casa, dos filhos e nem por isso está “roncando na cara de ninguém”. Ela o constrange e o ameaça, mas arrepende-se, amolece e cede, deixando que ele termine a prova. Transita, dessa maneira, entre a intolerância e a amorosidade. Num ciclo em que violência parece justificar violência — sem que saibamos o que é que produz o quê para o discurso proposto pela ficção. Sônia é agressiva com os filhos e com os colegas; mas sabemos ao longo dos episódios que é recorrentemente agredida pelo marido e pelos alunos.

Lúcia, então, é seu completo oposto. Em quaisquer situações — mesmo quando é a vítima — tem como reação principal o diálogo e a compreensão. O toque físico, bastante presente em diferentes cenas da série, é uma de suas marcas dentro dessa esfera amorosa e maternal (a “maternidade” é nossa quinta categoria e será mais detalhada adiante). No terceiro episódio, em diálogo com uma aluna, Lúcia pergunta: “Você tá bem, Gislaine?”, com as mãos

nela e olhando em seus olhos, considerando-a enquanto um outro humano individualizado. Em outra cena, diz à mesma aluna: "Você é muito boa aluna, não desiste de estudar" também em contato físico com ela. No décimo primeiro episódio, o último da temporada, ao sozinha evitar que um aluno saltasse do topo do prédio da escola por meio de um discurso profundamente amoroso, ela o beija no rosto. Esses são apenas alguns poucos exemplos da temporada em que o diálogo precede o toque físico, movimento frequente que comunica afeto, cuidado, conforto e amor.

Nesta categoria, além de pensar a amorosidade centrada nas ações da personagem, também consideramos a personalidade que promove um ambiente amoroso, que conduz ao entendimento entre diferentes, e a série traz cenas que compõem este universo. Em uma das aulas de Lúcia, uma aluna idosa — Dona Jurema — lê um poema de sua autoria enquanto a sala ouve em silêncio. Ao final da leitura, Lúcia vai em direção a ela e a abraça, dizendo ter ficado muito bonito o que foi escrito. Bate o sinal do intervalo e todos os alunos saem, menos Natasha; ao vê-la sozinha, Lúcia se aproxima e pergunta se está tudo bem. “Tem dia que não tem poesia não, professora”, diz a aluna, que algumas cenas depois é hostilizada por Dona Jurema ao tentar usar o banheiro feminino, conflito que precede uma cena já descrita na primeira categoria.

A situação transcorre e, na volta do intervalo, Lúcia vê Natasha arrumando a bolsa para ir embora e pede que ela fique até o final daquela aula, abraçando-a. Interessante observar aqui que essa professora abraça as duas personagens centrais no conflito do banheiro: Dona Jurema na leitura de seu poema e Natasha na volta do intervalo, apontando para o fato de que ela neutraliza os conflitos entre alunos porque está sempre a favor deles. Suas brigas são contra aqueles que de alguma forma se opõem à continuidade dos estudos dos estudantes. Lúcia, então, traz Carolina Maria de Jesus para a segunda parte da aula, fala de seu livro “Quarto de Despejo” e dá detalhes da biografia da autora, momento em que sensibiliza a turma e reforça o caráter político da própria série. Após ler também um trecho de entrevista com a autora, Lúcia engaja num discurso motivador para aproximar Dona Jurema e Natasha, duas pessoas negras cujas trajetórias se cruzam ali naquela escola.

Este, porém, não é o único conflito em que Lúcia interfere e cujo desfecho engloba um gesto de tolerância entre alunos. Conflitos semelhante entre diferentes ocorrem outras vezes na trama e é reforçada a promoção desse ambiente em que as pessoas procurem se enxergar como

humanas e como parte de uma coletividade que pode ser mais harmoniosa. Um dos conflitos do quarto episódio, por exemplo, é a presença de um casal de alunos venezuelanos e sua adaptação ao país e à escola.

Para sobreviver, esses alunos imigrantes começam a vender arepas — um tipo de alimento tradicional da culinária venezuelana e colombiana preparado com massa de milho — na porta da escola, oferecendo uma opção diferente das coxinhas vendidas por outras estudantes. No entanto, as meninas que já vendiam salgados na escola ficam incomodadas com a nova concorrência e não querem que os venezuelanos "tirem sua fonte de dinheiro", o que tem como resultado uma sequência de falas e ações xenofóbicas. Lúcia, então, percebe a situação dentro de sua sala de aula e, identificando os alvos de violência, é ela quem surge em sua defesa. "Vocês conseguem se colocar no lugar deles?", pergunta aos outros, buscando promover a empatia e o respeito entre as estudantes, incentivando-as a entender e respeitar as diferenças culturais.

Esse mesmo casal, com dificuldades no aprendizado da Língua Portuguesa, agradece a professora pela paciência, reforçando que seria bom se todos fossem pacientes como ela. Assim, afetividade, amorosidade, fragilidade, paciência e sensibilidade são características que conseguimos ver expressas no modo de ser de Lúcia.

2.3.3. Atenção e alerta ao ambiente ao redor

Atributos pré-listados que foram agrupados nesta categoria: cuidado, minuciosidade e vigilância.

Conforme avançamos nas categorias, o que vai se desenhando é o fato de que embora estejamos segmentando um possível estereótipo para enxergar suas partes, elas não funcionam isoladamente. O cuidado sobre o qual trataremos aqui é resultado de um processo de entrega ao outro (primeira categoria) que se justifica por ver nesse outro um humano e sentir por ele amor (segunda categoria). Ou seja, além de estar entregue e atenta aos afetos que circulam, a figura que investigamos também está frequentemente alerta em relação aos problemas dos alunos.

Há, porém, um componente de ação importante envolvido nessa percepção que a professora ideal tem do ambiente: ela não é meramente passiva. Nesse cenário, essa mulher cuida tanto de dores emocionais quanto de necessidades físicas, mobilizando outros agentes e agindo no sentido de solucioná-las. Essa percepção aguçada, porém, não se dá apenas quando ocasionalmente a situação ocorre sob seu radar. Mantém-se constantemente vigilante, sentinela, observando o ambiente ao seu redor e atenta aos detalhes e à análise das informações a que tem acesso procurando identificar, tratar, prever, ou evitar problemas e perigos. A protagonista que descrevemos é quem, para a interferência nos problemas, está atenta pelos corredores, olhando pelas janelas, identificando nas feições um mundo de emoções que devem ser tratadas.

Dessa maneira, quando vamos investigar a presença desses elementos em “Segunda Chamada”, mais uma vez estão concentrados em Lúcia, que é representada como alguém sensível, perceptiva e alerta muitas vezes na temporada. Essa constante observação do ambiente ao seu redor, somada às questões que desenvolveremos na quarta categoria, parecem dar a Lúcia a segurança de que suas ações, por mais impetuosas e irrefletidas, têm o Bem como objetivo. Percebemos, assim, diversas situações em que a personagem toma decisões importantes baseadas no amor (segunda categoria) e em seu próprio senso de justiça, mesmo que em desacordo com a lei. Em posse, por exemplo, de um bebê que não é seu, ela responde à funcionária de sua casa que prefere resolver sozinha quando é questionada se não seria melhor acionar a polícia. Eliete, em outra cena, precisa decidir sobre a presença de uma navalha na escola e leva a situação para a sala dos professores, para que seja discutida em conjunto. As professoras, então, agem de forma diferente; é Lúcia quem atua baseada em suas certezas.

Chama nossa atenção, como já levantamos em outro momento, o fato de que Lúcia parece não ter nenhum tempo para si quando está no ambiente escolar (e que, fora dele, também dispensa bastante tempo aos assuntos escolares). Dessa forma, durante toda a temporada, são poucas as vezes em que a vemos na sala dos professores junto aos colegas porque ou ela está na sala de Jaci brigando pela situação de algum aluno ou está pelos corredores atenta às emoções deles.

Em uma das poucas vezes em que esteve entre outros professores no espaço destinado ao seu descanso privativo, no quarto episódio, usa esse tempo para telefonar para sua casa em busca de notícias do marido doente. O altruísmo sacrificado (primeira categoria) e a amorosidade (segunda categoria), entrelaçam-se intimamente com essa postura que, para poder

exercer o conjunto das expectativas, precisa também ver mais que os outros. "Natasha, já tocou o sinal, você não vai para a aula?", pergunta ela a uma aluna com o rosto triste. "Jaci aonde é que você vai?", quer saber quando esse outro toma decisões sem lhe comunicar. É ela também que, em uma das poucas cenas em que vai ao banheiro, usa o do alunos, encontra uma estudante amamentando escondido e promove um debate sobre amamentação. Assim, Lúcia surpreende diferentes situações de conflito por estar no lugar certo na hora certa.

Uma de suas preocupações é que os alunos não abandonem a escola porque a EJA tem um alto índice de evasão escolar. Justifica-se, então, sempre que percorre a comunidade atrás da moradia de um ou de outro, dizendo que eles não podem abandonar a escola. Sobre esse assunto, Jaci reforça com ela que "Evasão de aluno no ensino noturno é normal e você sabe disso, se ele desistir o problema não é seu nem meu", sem demonstrar qualquer interesse pelas particularidades dos alunos. A professora, então, atenta e cuidadosa com as situações ao redor mesmo fora da sala de aula, afirma que o problema é dela sim e continua, vigilante: "Eles podem desistir da escola, eu não desisto deles", fala que também já conhecíamos desde o vídeo de apresentação.

Sobre a Professora Helena, de Carrossel, a respeito da qual tratamos no primeiro capítulo, Lopes (1991) comenta:

Perguntem a qualquer criança (adulto idem) qual é a qualidade da professora Helena que mais se destaca: ela é boazinha. Ela é boa. Perguntem também se ela ensina e bem. Não, ela não ensina, ela sequer dá aula, pois está sendo chamada a toda hora para resolver os problemas da escola e das famílias. Mas não é isso que se quer? Ela resolve os problemas de todas as famílias e suas crianças. (p. 173)

A representação da professora ideal em "Segunda Chamada", dessa forma, embora seja divergente da de Helena (Lúcia já não usa saias e lacinhos infantilizantes nos cabelos, por exemplo, como discutiremos na quarta categoria; ou convive apenas com crianças) carrega paralelos com a "professorinha" da novela infantil no fato de estar muito pouco tempo de fato exercendo sua profissão. É o filho de Jaci, inclusive, quem usa a nomenclatura em discussão com Lúcia: "Você não precisa ficar bancando a professorinha compreensiva", ele diz, em diálogo também com nossa segunda categoria.

Esse cuidado que, no limite, se metamorfoseia em controle é reforçado em outras de suas falas: "A gente tem a obrigação de proteger essa criança", diz ela em posse de outro bebê que não é seu. "Ele não tem condição de cuidar", diz ao ver o pai da criança com ela no colo.

"Eu me preocupo com essas pessoas", justifica-se sempre que se envolve em situações alheias. "É importante para os alunos que eu esteja presente", argumenta em favor de sua onipresença. "Eu não vou mais desistir dos meus alunos", promete. "Eu não vou mudar; eu me envolvo", adverte. "Eu tenho o direito de saber; é meu filho", enfatiza ao investigar os segredos do filho morto. "Você é professora, não é assistente social" é o que ouve de Jaci como resultado das inúmeras situações em que seu papel ultrapassa o de ensinar na escola.

No sétimo episódio, sua ânsia pelo cuidado nos conduz a uma cena em que fica sugestionada uma patologia. Com outro bebê no colo — filho de um aluno por cuja morte se sente culpada — Lúcia repete muitas vezes que vai cuidar dele enquanto a mãe pede para que ela o devolva. É Jaci quem intervém e consegue fazê-la devolver a criança.

Por fim, quando uma situação lhe escapa, decepciona-se consigo mesma. Descobrimos, nos episódios finais, que logo antes de ser vítima fatal de um atropelamento, seu filho havia brigado com o professor por quem havia se apaixonado. Lúcia culpa-se e decepciona-se, então, por não ter sido capaz de perceber antes, como se sua tentativa de onipresença se mostrasse terrivelmente falha em um dos momentos mais tensos da trama. Dessa maneira, a precaução e a atenta observação compõem parte importante da personalidade da personagem, bem como cuidado, minuciosidade e vigilância, os atributos que dão origem à categoria.

2.3.4. As formas de apresentação desse “eu”

Atributos pré-listados que foram agrupados nesta categoria: descrição, perfeição moral, pureza, recato e pudor.

A forma como o outro vai perceber essa professora também é importante para que ela possa, assim, ser ideal. Em suas relações, então, é comum que aja e fale de forma reservada e cuidadosa, e que silencie sobre sua vida pessoal. Espera-se que carregue em si virtudes e qualidades morais compatíveis com sua época e que tenha a sexualidade dissolvida, o que colabora para uma aura de pureza. O efeito é uma imagem modesta nos comportamentos e, de

forma análoga, nas vestimentas, no uso de maquiagem e nas formas de portar seus cabelos, marcados como um símbolo importante de reconhecimento na história da feminilidade (SERRANO-BARQUÍN, 2018).

Gomes (2003, p.1) defende que, nas escolas religiosas das cidades mais interioranas do Brasil, as professoras ainda hoje têm o que se denominou como “corpo de tia”, ou seja, um corpo pudico cujos “espelhos eram as freiras católicas e as missionárias leigas das congregações protestantes”. Dessa forma:

Um corpo modelo da professora-mestra-mãe-tia era oferecido e determinadamente obrigado a ser seguido. Carinho, perseverança e autoridade deveriam ser as características da “tia”. O sujeito “professor-professora” emergia desse cruzamento, produzindo uma representação estética sem qualquer autonomia; movimentos gestuais deveriam ser imitados e seguindo uma ordem de discreta elegância e comedimento, equilíbrio nas cores, nos tons e nos moldes. (GOMES, 2003)

Embora Gomes (2003) não esteja descrevendo a professora idealizada do século XIX, seu trabalho parece apontar para um “ser professora” mais contemporâneo que tem semelhanças com ela. Essa descrição estética, por isso, nos dá elementos visuais com os quais podemos avançar, ainda com o objetivo de compor um conjunto que tem mais ou menos como centro a caracterização em diálogo com as categorias já descritas.

Rosemberg, Piza e Montenegro (1990) debateram sobre a dificuldade que existia no final da década de 1980 para tratar determinados assuntos e detalhes academicamente. Isso porque algumas perguntas que lhes surgiram — e que também nos surgem — pareceram secundárias:

Como ousar, então, passar para o papel perguntas que nos permitíamos em círculos reservados: por que as blusas de nossos uniformes escolares tinham preguinhas na altura do peito? Por que nossas filhas púberes, de classe média, se emperiquitam tanto para ir à escola? (p.32)

Faria e Albano (2015, p.94), em pesquisa sobre o figurino docente com a participação de professores e professoras, expõem, além de tabelas com as produções individuais resultantes dos estímulos dados, o que obtêm a partir um exercício em que pedem a grupos que imaginem uma professora e desenhem juntos figurinos que representem essa docência. Como resultado, surgem, dentre outras, duas imagens interessantes: uma primeira em que há um doce literal — um pirulito — substituindo o rosto da professora, e uma segunda em que a docente não é uma pessoa, mas sim um morango vestido com uma embalagem de docinho de festa. Afirmam,

assim, que “podemos perceber a importância dada ao amor, ao carinho, à docilidade, à bondade e à meiguice” nas representações. Trazemos também o ambiente que emerge desta pesquisa para reforçar elementos do imaginário social sobre a docente feminina que coexistem no mesmo momento histórico e no mesmo país em que circula a série “Segunda Chamada”.

Essa imagem que passa pelos sentidos literais cruza-se com categorias anteriores e poderia nos ajudar a compor a atmosfera que aqui desejamos. Sobre o exercício, continuam as autoras:

A proposta de criação de um figurino que expressasse a imagem de professor poderia implicar a escolha de um aspecto a ser retratado, pois expressar muitos aspectos ofereceria o risco de que nenhum ficasse claro. Evidentemente, ao fazer uma escolha, as demais características tiveram que ser ignoradas, porém chama a atenção o fato de que as características mais positivas escolhidas são retratadas de maneira estereotipada. (Ibid., p. 97)

Seu objetivo com a dinâmica era observar qual professora escolhem retratar e quais aspectos privilegiam na criação imagética. Afirmam, por fim, que a experiência “permitiu aos grupos entrarem em contato com aspectos significativos da docência e questioná-los.” (Ibid., p.100). Com isso, podemos pensar que, de forma análoga, o que se deseja representar a professora ideal na série também pode privilegiar aspectos de sua personalidade que colaborem para a verossimilhança da personagem.

Ao longo de toda a temporada, as vestimentas de Lúcia se mantêm muito semelhantes: uma calça jeans, uma blusa sem decote e um casaco fino por cima, todos de cores neutras. Às vezes, uma camisa com estampa xadrez substitui as blusas. Nos pés, uma variação entre sandálias baixas, discretas, e tênis. Em dias mais frios, um blusão preto despojado. Usa também pouca ou nenhuma maquiagem; também não usa esmaltes. Há apenas uma cena — um flashback —, em que sai com Jaci à noite usando os cabelos soltos, um vestido e batom vermelho. Nas outras cenas, os cabelos estão sempre presos em penteados baixos e comedidos. Sua vestimenta não é assunto em nenhum momento e ela não é assediada por nenhum estudante ao longo dos onze episódios. Suas cenas íntimas e sexuais são exclusivamente com Jaci. A mesma simplicidade da mulher que usa o transporte público (assunto da primeira categoria) aparece em sua apresentação estética.

Sônia, no entanto, embora seja uma mulher também casada e se vista também de forma discreta e comedida, é constantemente alvo de sexualizações. No dia em que decide dar um

basta na relação com o marido, sua mudança é concretizada pela compra e pelo uso de um vestido, comentado por outros personagens. Eliete, por sua vez, usa sempre os cabelos soltos, as unhas pintadas com cores fortes e sapatos com salto para circular nas dependências da escola. É quem fala abertamente de sexo, de sedução, de desejo e do uso de preservativo com os alunos. Em um dos episódios, tem sua beleza elogiada por um aluno, a quem responde “Olha lá, não te dei essas intimidades”, impondo seus limites.

As vestimentas das professoras da série dialogam diretamente com a personalidade que manifestam. No contexto das três representações de professoras, voltamos a ressaltar que Lúcia é central e que, dessa maneira, constitui-se também no contraste com as colegas. Ela é discreta e contida, o que a aproxima da postura de Sônia. No entanto, ao mesmo tempo, é maternal e amorosa com os alunos, o que a distancia dela. Ainda assim, Lúcia transmite segurança em sua atuação, o que a aproxima da postura firme de Eliete, mas é também sóbria, o que a distancia dessa colega.

Ainda na linha dos comportamentos, há uma cena em que Eliete entra na sala dos professores e solta sua grande mala de produtos à venda em cima da mesa. “Novidades e lançamentos para você obter um sucesso sexual hoje à noite”, diz ela abrindo uma embalagem de lingerie que tirou de dentro da bolsa. Sônia é sua interlocutora, que responde dizendo estar ocupada. “Vamos falar um pouquinho de sacanagem, corrige isso em casa”, propõe a primeira, que é descrita como “divertida” nas páginas oficiais da emissora²⁹.

Eliete, assim, é despachada, desinibida, bem-humorada, ácida e fala alto. Lúcia é igualmente diligente, mas, embora não seja inibida, opta pela discrição, pela voz mais baixa, pelo tom mais sereno. Sua postura desvia da ironia, do sarcasmo, da piada. É alguém constantemente pronta ao acolhimento. Seu bom humor, diferentemente do de Eliete, é doce, quase silencioso. Sônia, como já destacamos, é reservada e mais frequentemente mal-humorada, descontente com todas as situações de sua vida (a moradia, o casamento e o cuidado dos filhos são as principais), sobre as quais fala com impaciência. Lúcia, nesse sentido, silencia sobre sua vida particular e aceita com certa abnegação (trabalhada na nossa primeira categoria)

²⁹ Informação disponível em: <<https://gshow.globo.com/series/segunda-chamada/noticia/thalita-carauta-vive-divertida-professora-em-segunda-chamada.ghtml>>. Acesso em 13 de maio de 2023.

seus próprios problemas, direcionando-se bastante ao cuidado do outro (trabalhado na terceira categoria).

Ao chegar pela primeira vez à sala onde Eliete e Sônia estão, Marco André é apresentado por Lúcia, que segue em sua missão dedicada (de apresentar a escola, como começamos a descrever na primeira categoria). Eliete faz uma piada rápida sobre o ensino de matemática e automaticamente Lúcia a repreende dizendo: “Eliete, isso é jeito de receber o novo professor?”, como se sua piada desconsertasse, como se o fato de o humor depender da participação de um outro para existir na situação fosse ofensivo, como se o convite ao riso não coubesse ali. Desculpando-se pelo comportamento da colega — uma mulher adulta — vira-se para o novato, também um adulto, e diz: “Não liga não, Marco André”, tentando apaziguar o possível constrangimento causado pelo clima de brincadeira proposto por Eliete. “Bem-vindo ao paraíso, Marco André”, ironiza Sônia quando bate o sinal.

Para Booth (1983), a ironia é um princípio de constituição discursiva que finge conciliar valores sociais conflituosos, permitindo que nos apropriemos de vozes alheias, normalmente opostas ideologicamente, a fim de ridicularizá-las. Nesse sentido, talvez sem a intenção de fazê-lo, Sônia ironize a “alma” de Lúcia. Maingueneau (1993) defende que a ironia desafia os limites entre o que é assumido ou não por quem fala e que cabe ao interlocutor interpretar a posição irônica. A fala da professora, então, pode fazer referência exclusivamente ao fato de ela considerar a escola um inferno, mas sendo parte de um discurso maior que compõe uma temporada, pode ser a construção de uma oposição a determinados fragmentos de Lúcia.

Fora da escola, também é possível encontrar situações em que a discrição aparece. No primeiro episódio, quando desce do ônibus, cruza com um de seus alunos, Victor, que se surpreende: “Professora? Tá fazendo o que aqui?”, já que estão fora da escola. A resposta de Lúcia é: “Vamos embora para a escola, vai.”. Se fosse outra a razão pela qual ela estivesse ali, ainda assim teria sido diminuída frente ao que acredita ser seu papel de professora: o papel de convocar os estudantes, de buscá-los e de garantir que não abandonarão os estudos (como apontamos nas categorias anteriores). Fica ambíguo se havia outra razão para que ela estivesse naquela rua ou se ela realmente tinha mudado a rota para tentar convencer o estudante a voltar à escola. Seus motivos pessoais, se houve, são silenciados com discrição, e quem ocupa a interação é apenas a profissional, mesmo sem estar no momento do exercício da profissão.

Também na relação com Jaci essa discrição se faz presente. Ao receber pela primeira vez na narrativa um beijo do diretor, que é quando descobrimos que se relacionam amorosamente, ela reage dizendo: “Cuidado, Jaci, tá tudo aberto”, referindo-se às cortinas da sala que dá para o corredor da escola. Sua reação busca a discrição e ela relembra Jaci que ambos são casados com outras pessoas.

Esse comportamento comedido, porém, não impede que ela atue sempre em favor do que considera certo. No quarto episódio — cujo enredo discute a amamentação no espaço público compartilhado — durante uma das aulas, as alunas sobem uma a uma em suas carteiras e tiram as blusas, expondo seus seios para normalizá-los. Ao final da cena, Lúcia também sobe em uma carteira e ficamos na expectativa do que ela fará com sua própria blusa. Quando a cena termina, ela segue vestida, demonstrando seu apoio até onde considera seu limite.

Também já apontamos em outras categorias o fato de que a protagonista transgredir algumas leis em nome das relações afetivas (leva para a própria casa um bebê alheio que deveria ser deixado aos cuidados dos órgãos responsáveis e facilita a fuga do aluno envolvido no assalto, por exemplo). A perfeição moral, nesse sentido, sustenta-se mais no amor do que na noção de crime, que é revista quando quem o comete são os alunos. Sempre que pode, justifica-se em favor deles: "Só queria dar uma segunda chance", diz ao não entregar um aluno criminoso à polícia.

Dessa maneira, talvez Lúcia expresse autocontrole, comedimento e compostura apenas em situações em que crianças ou alunos não precisem de sua ajuda. Em outras situações, seu amor a leva a decisões mais intempestivas. Vemos, portanto, discrição, perfeição moral, pureza, recato e pudor nas ações da protagonista.

2.3.5. Maternidade

Atributos pré-listados que foram agrupados nesta categoria: maternidade.

Essa categoria se forja a partir de um único atributo pré-selecionado. Isso porque a consideramos destacada em relação às demais, muito embora espere-se da maternidade também a abnegação (primeira categoria), a amorosidade (segunda categoria), a atenção (terceira categoria) e uma expressão social do “ser mãe” (quarta categoria). Seu destaque, portanto, é decorrente de sua especificidade: trataremos, aqui, unicamente da transposição da maternidade para a relação com os alunos, das situações em que discentes são compreendidos pela nossa professora ideal como seus próprios filhos, por quem toma decisões de foro íntimo, doméstico, privado. A preocupação, quando emaranhada ao maternal, está centrada em desenvolver um saber sobre esse outro; um outro que está numa posição de poder diferente e, em algumas situações, em posição de ser governado.

Rosemberg, Piza e Montenegro (1990), sobre a associação entre docência e maternidade, apontam que:

As professoras, também, relatam uma gama enorme de funções que ultrapassam, em muito, as situações de ensino, atribuindo-se (ou desempenhando de fato) uma ação socializadora: conversar, brincar, ensinar bons costumes, formar a personalidade, dar amor e carinho [...] algumas destas atividades seriam função de babá, a função subjacente, por mais que se chame a professora de tia, ainda é a maternagem. Esta assimilação é evidente no discurso da professora quando valoriza o amor e o afeto como atributos essenciais para o desempenho de sua função [...]. Na medida em que, de fato, a professora desempenha uma função que não se restringe ao ensino; na medida em que a função de socialização também participa do ensinar; e na medida em que sua formação profissional é insuficiente, a professora lança mão do repertório aprendido domesticamente - ser mãe real ou potencial, cuja base de exercício (nos foi ensinado) se pauta pelo afeto. O discurso do amor e a prática da repressão podem se integrar na figura materna: à díade mãe-filho é negada qualquer possibilidade de rejeição. (p.94)

Franco (2010) conduziu uma pesquisa entre 2007 e 2009 na qual colheu depoimentos de docentes (homens e mulheres) que associaram a própria profissão à maternidade. Segundo ela, “as falas dos professores nos mostram que ainda hoje tanto a escola quanto o ofício da docência estão marcados por uma referência feminina ou que tem na mulher e na maternagem seu ponto de ancoragem”. Mais uma vez, trazemos para ajudar a dar matizes para a categoria a percepção sobre o assunto na mesma sociedade em que circula a série.

É curiosa, nessa mesma pesquisa, a aparição da palavra “madrasta” nos discursos para metaforizar a escola quando ela é menos acolhedora. Geralmente, essa que ocupa o lugar da mãe nas famílias tradicionais das histórias infantis é retratada como alguém cruel ou hostil em relação à criança. Nesse contexto, a palavra "madrasta" é usada de forma figurativa para descrever uma instituição ou ambiente que não é receptivo ou amigável. A mãe, por oposição, é quem acolhe, quem cuida.

Dessa maneira, em diálogo com as questões levantadas no capítulo 1, optamos por isolar a maternidade para tentar enxergá-la em operação.

É difícil separar a Lúcia professora da Lúcia mãe nas situações que dão o tom de cada episódio desde o primeiro da temporada. Mas é ainda mais difícil quando não mais isolamos cenas, e tomamos como objeto a temporada inteira. Descobrimos, no decorrer dos episódios, que o filho dela, aluno da escola, morreu atropelado na frente do portão principal e que seu retorno às salas de aula estava sendo negociado no começo do enredo justamente após o evento traumático. Assim, somos conduzidos em todos os episódios por suas memórias, que misturam o filho Marcelo bebê, o Marcelo criança e o Marcelo adolescente; e vamos também sendo explicitamente expostos a sua dificuldade com o luto, que se justifica pelo fato de que ela não compreende por que o filho estava com tanta raiva no dia de sua morte.

A protagonista é a única personagem a cujos sonhos e memórias temos acesso e é possível que sua dor de mãe, dessa maneira, seja um dos principais sentimentos que se quer representar. A perda do filho ocupa majoritariamente esse cenário onírico, que mistura devaneio e memória. Um de seus sonhos, que se repete, é com o filho morto enquanto seu ventre sangra. Tudo é, portanto, muito misturado no feminino da personagem e aqueles que a circundam admitem essa relação como parte do que Lúcia é. “Eu sei que você considera todos esses alunos como se fossem seus filhos”, diz Jaci a ela em determinada ocasião.

Em entrevista de 2019 sobre a personagem, a atriz Debora Bloch afirma que "quando a série começa, é uma perda recente, ela ainda está com as feridas dessa perda. Ela acaba transferindo esse espaço de cuidado e de afeto para os alunos."³⁰ Há dois eventos que representam uma transposição da maternidade de forma mais explícita, em que ela se apegue aos

³⁰ Entrevista disponível em: <<https://gshow.globo.com/series/segunda-chamada/noticia/debora-bloch-comentando-sofrimento-de-lucia-com-filho-morto-marcas-profundas-em-qualquer-mae.ghtml>> . Acesso em 11 de maio de 2023.

filhos pequenos dos alunos. No primeiro, o bebê é abandonado na escola, nos braços de Eliete, e, em vez de entregá-lo a uma delegacia como recomenda Jaci, Lúcia o leva para sua própria casa. A sequência das cenas trata com naturalidade a professora de matemática exercendo um cuidado provisório, que talvez represente o senso de responsabilidade que teríamos em relação a uma criança abandonada, e a entrega completa ao papel de guardiã.

No segundo, cuja descrição foi iniciada na terceira categoria, Lúcia vai à casa de Maicon Douglas, recém assassinado, e não consegue devolver o bebê para a mãe. A morte de Maicon é em si também um episódio representativo dessa forte relação. O rapaz, após tentar assaltar a escola, foge pela janela com o aval da professora, mas ao chegar à rua, ao mesmo lugar onde o filho dela havia sido atropelado, recebe um tiro fatal. A própria narrativa visual da série intercala cenas de Maicon e de Marcelo, evidenciando o paralelo.

Embora a relação da professora Lúcia e da mãe Lúcia seja a espinha dorsal da temporada, a série também nos oferece cenas em que Sônia, mãe de duas crianças, interage com seus filhos dentro da escola. Há um único momento da trama em que ela está ao mesmo tempo na presença deles e distante da sogra e do marido; podemos, dessa forma, percebê-la sem as pressões imediatas quando, devido ao descaso dos outros adultos geralmente responsáveis por suas crianças, ela precisa levá-los para a escola em que trabalha. As crianças dormem sobre as carteiras enquanto sua aula acontece e, num gesto carinhoso, ela puxa uma blusa para cobrir a menina. Lúcia afirma, no quinto episódio, que "não tem nada mais sagrado que uma mãe amamentando o filho".

Por fim, a única professora que não interage com os filhos na trama é Eliete, quem tem uma filha mais velha, com quem já não fala há anos. A atriz que a interpreta — Thalita Carauta — opina sobre a transposição de seu afeto afirmando que a personagem tem uma “relação horizontal com os alunos” e que “ela é capaz de entendê-los perfeitamente”. Ela continua: “a personagem tem seus momentos de humor, de acolhimento, mas ela também sabe que, às vezes, é necessário ter pulso firme”³¹.

Nos últimos episódios da trama, Lúcia conhece detalhes da morte do filho e decide que quer parar de dar aulas porque reconhece que sua relação com a escola ainda é fortemente

³¹ Disponível em: <<https://gshow.globo.com/series/segunda-chamada/noticia/thalita-carauta-vive-divertida-professora-em-segunda-chamada.ghtml>>. Acesso em 15 de maio de 2023.

atravessada pelo que ocorreu e por sua relação com Jaci. Assim, sorridente, vai à formatura dos alunos daquele ano; é lá que vê Jaci beijando Eliete e decide renunciar à relação. Wallace, o aluno que pretendia pular do prédio depois de ser reprovado pelo terceiro ano seguido, diz a ela que tentará uma quarta vez e lamenta que ela não seja sua professora mais. Durante a formatura, ela é homenageada e o grupo de alunos canta “Tente Outra Vez”, de Raul Seixas em parceria com Paulo Coelho e Marcelo Motta. A canção fala de uma nova chance, bem como o título da série. Lúcia então diz a Wallace que ele poderá contar com ela no ano seguinte.

Não há uma explicação alongada sobre sua decisão nem qualquer justificativa verbalizada, mas a leveza da personagem na cena final parece indicar que as duas relações que perturbavam sua presença na escola estavam, agora, realocadas em outro lugar. Dessa maneira, conexão, vínculo e exercício da maternidade estão presentes na protagonista.

Pretendemos, assim, valermo-nos das análises feitas neste capítulo para apresentar, em seguida, nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo procurar aproximações e ecos entre uma idealização histórica da figura da professora e uma de suas representações na ficção seriada televisiva contemporânea; mais especificamente na série “Segunda Chamada”. Para isso, procuramos compreender brevemente o que é um estereótipo e como ele opera para sustentar repetições e significações preferidas. Assim, nos primeiros momentos do primeiro capítulo, propusemos um diálogo com a conceituação de “estereótipo” feita por Walter Lippmann e com o acréscimo da ideia de representação desenvolvida por Stuart Hall.

Num segundo momento, procuramos, por meio de uma pesquisa bibliográfica, compreender um pouco sobre a entrada das mulheres nas salas de aula brasileiras e de que maneira os valores da sociedade à época — a saber: interesses econômicos, religiosos e patriarcais — pensaram um certo jeito ideal de ser professora. Esse jeito foi documentado em leis, em periódicos, na literatura e, dessa maneira, por ser conveniente a associação entre o feminino e a docência infantil, percebemos sua naturalização. Alguns dos principais atributos componentes dessa idealização foram mobilizados para uma tabela que usamos como guia para compor nossas categorias de análise.

Dessa maneira, pudemos, então, no segundo capítulo, debruçarmo-nos sobre Lúcia, a protagonista de uma série com viés progressista cuja primeira temporada foi ao ar em 2019, na Rede Globo. Nossa escolha pela série foi derivada do fato de que podemos perceber nela um esforço para uma representação mais plural do corpo discente e para uma discussão mais pungente de assuntos dos quais nossa sociedade muitas vezes se esquiva, como a transfobia, o aborto ou a xenofobia. Interessou-nos, assim, tentar compreender se a professora central na trama, aquela a cujos sonhos e memórias temos acesso e cujo drama pessoal é utilizado como espinha dorsal do enredo, seria representada em suas falas, escolhas e ações de forma igualmente renovada.

Assim, se os dilemas que habitam o senso comum dos estudantes perdem força — não são provas, trabalhos ou equações que mais os assombram, mas sim a precariedade e a falta de acesso a itens básicos como moradia e alimentação — os de Lúcia têm ares de contemporaneidade, mas conduzem-se de forma a aproximá-la com frequência de uma

descrição estereotipada, ou seja, de uma apresentação subjetiva que reitera e reforça lugares, posições e morais.

Embora seja uma personagem construída a partir das mulheres contemporâneas — que estão há quase dois séculos de distância das primeiras normatizações que mapeamos — e que, por isso, seja atravessada por todas as mudanças culturais resultantes, dentre outros fatores, das lutas feministas, os atributos selecionados que particularizavam a professora ideal ainda ressoam em sua atuação profissional.

Dessa forma, abnegação, amorosidade, cuidado, discrição e maternidade, uma síntese das cinco categorias que construímos, puderam ser encontradas na representação midiática contemporânea que se fez dessa professora; Eliete e Sônia, as outras duas docentes da série, desafiam a idealização, mas, ao mesmo tempo, não são as protagonistas. São outros modelos do ser professora, mas não são, no enredo, os modelos a serem seguidos.

Em uma das citações do primeiro capítulo, Lippmann (2017, p.100) reflete uma pergunta que é também nossa e que merece ser retomada: se existe a vontade de desafiar dentro das escolas, “há a mesma busca por docentes críticos e críticas ou há estatutos fixos sobre professores e professoras que merecem nova contemplação de tal forma que possamos pensar ‘considerando-os brandamente, modificando-os alegremente’?”. A ideia de modificar alegremente acompanhou-nos durante a escrita porque dela derivam outras perguntas: será que é possível uma outra representação docente em ficções seriadas que tenham professoras como protagonistas? Será que as mulheres que exercem a profissão na vida fora das telas identificam essa sugerida continuidade histórica? Se sim, há algum incômodo na categoria em relação a isso? Essas são algumas perguntas que nos aparecem ao fim deste trabalho para as quais não temos resposta, mas que convidam a desenvolvimentos futuros de novas pesquisas. Terminamos, portanto, esta pesquisa com algumas conclusões e numerosas outras dúvidas.

REFERÊNCIAS

ADEUS, professora Helena! Rosanne Mulholland posa sensual e se liberta de personagem infantil. **R7**, 2013. Disponível em: <<https://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/adeus-professora-helena-rosanne-mulholland-posa-sensual-e-se-liberta-de-personagem-infantil-07102019>>. Acesso em 22 de março de 2023.

ANNAES do Senado Federal. **Sessão de 29 de agosto de 1827**. Rio de Janeiro: Typographia Imperial, 1876. v. 2.

AQUINO, Juliana; SOUSA, Ingrid (ed.). A construção da identidade nas séries de TV: uma análise da repercussão de 13 Reasons Why. Intercom – Sociedade Brasileira de estudos Interdisciplinares de Comunicação. XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na região Nordeste. Fortaleza, 2017. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0867-1.pdf>>. Acesso em 05 de abril de 2023.

ARROYO, Miguel. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. **Alfabetização e Cidadania**, São Paulo, n. 11, p. 1-96, abr. 2001.

BACCEGA, Maria Aparecida. O estereótipo e as diversidades. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (13): 7 a 14, set./dez. 1998.

BARRETO, E. S de S. Educação: introdução. In: FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Mulher Brasileira: bibliografia anotada**. São Paulo, Brasiliense, 1981, v.2.

BILAC, Jô. **Conselho de Classe**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.

BOOTH, Wayne. The Empire of Irony. **The Georgia Review**, v 37, p. 719-737, 1983.

BOSI, Ecléa. Entre a opinião e o estereótipo. **Novos Estudos**. CEBRAP, São Paulo, v. 32, p. 111-118, 1992.

BRASIL. Congresso. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Diário Oficial da União**, Poder executivo, Brasília, DF, s. 1, p. 1, 11 mar. 2008. Disponível em: : <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html>>. Acesso em 02 de abril de 2023.

BRECHT, Bertolt. **Poesia de Bertolt Brecht**. São Paulo: Perspectiva, 2019. Versão do Google Play Livros. 941 páginas.

BRUSCHINI, Cristina & AMADO, Tina. Estudos sobre a mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, (64):4-13, fev. 1988.

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário: Como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível**. São Paulo: Autêntica Editora, 2022.

BULHÕES, Marcelo. **A ficção nas mídias: um curso sobre a narrativa nos meios audiovisuais**. São Paulo: Ática, 2009.

CARROSSEL – Sobre a novela. **SBT**, s/d. Disponível em: <<https://www.sbt.com.br/novelas/carrossel>>. Acesso em 03 de abril de 2023.

CITELLI, Adilson (org.) **Educomunicação. Imagens do professor na mídia**. São Paulo: Paulinas. 2012.

CORDEIRO, Jaime. **Cultura da mídia e educação: relações cruzadas** (Org.). São Paulo: Paco, 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum** 1989, no. 1 (1989): 139-167.

CUNHA, Washington D. S. & SILVA, Rosemaria J. V. A educação feminina do século XIX: entre a escola e a literatura. **R. Gênero**, v. 11, n. 1, p. 97 – 106, 2. sem. 2010.

DEBORA Bloch fala sobre impacto de 'Segunda Chamada' em sua vida: 'Vontade de transformar'. **Gshow**, 2021. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/series/segunda-chamada/noticia/debora-bloch-fala-sobre-impacto-de-segunda-chamada-em-sua-vida-vontade-de-transformar.ghtml>>. Acesso em 06 de abril de 2023.

DEMARTINI, Z. de B. F., & ANTUNES, F. F. (2013). Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Cadernos De Pesquisa**, (86), 5–14. Disponível em: <<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/934> - acesso em 29/03/2023>.

Dez professores inesquecíveis da história da televisão. **Extra**, Rio de Janeiro, 15 out. 2019. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/dez-professores-inesqueciveis-da-historia-da-televisao-24016928.html>>. Acesso em 02 de abril de 2023.

Dias, Leo. Record recorreu a Todo Mundo Odeia o Chris durante ataque hacker. **Portal Metrôpoles**, 8 out. 2022. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/leo-dias/record-recorreu-a-todo-mundo-odeia-o-chris-durante-ataque-hacker>>. Acesso em 02 de abril de 2023.

DUARTE, Elizabeth Bastos. Produção televisual: entre subgêneros, formatos e tons. In: FRANÇA, Vera; COHEN, Evelyne; GOMES, Itania Maria Mota. **Gêneros midiáticos e identidades**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2017. p. 17-30.

FARIA, A. A. de, & ALBANO, A. A. M. (2015). Figurino docente. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, (61), 82-102.

FALCHETI, Fabrício. No Dia do Professor, Segunda Chamada inverte horário e será exibida mais cedo na Globo. **Na telinha – UOL**, 2019. Disponível em: <<https://natelinha.uol.com.br/televisao/2019/10/11/no-dia-do-professor-segunda-chamada-inverte-horario-e-sera-exibida-mais-cedo-na-globo-135195.php>>. Acesso em 05 de abril de 2023.

FERREIRA, Laura Senna. Elementos para uma sociologia do consumo: o automóvel como símbolo de distinção social. **Teoria e cultura**, v. 11, p. 1, 2016.

FERREIRA, Thiago. Segunda chamada: educação e minorias na escola de jovens adultos da Globo. **TRACC - UFBA**. Disponível em: <<http://tracc-ufba.com.br/sem-categoria/segunda-chamada-educacao-e-minorias-na-escola-de-jovens-adultos-da-globo/>>. Acesso em 05 de abril de 2023.

FRANCO, Raquel Braga. Mãe, mulher, feminino, professora e... o falo. **Psicol. educ.**, São Paulo, n.30, p.67-80, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141469752010000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 de maio de 2023.

FREIRE FILHO, João. Mídia, estereótipo, e representação das minorias. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 45-71, ago./dez, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, 2014. Edição do Kindle.

Globo/NBCUniversal. Eu nas séries. **Gente — Uma conexão Globosat**, 2022. Disponível em: <<https://gente.globo.com/estudo-eu-nas-series>>. Acesso em: 12 de abril de 2023.

Globo/NBCUniversal. Paixão em séries. **Gente — Uma conexão Globosat**, 2018. Disponível em: <<https://gente.globo.com/paixao-em-series>>. Acesso em: 12 de abril de 2023.

GOMES, G. S et al. O corpo ciborgue e o corpo da “tia” no espaço-tempo didático: reflexões a partir de uma periferia globalizada. In: EDIPE, I, 2003, Goiânia. Anais, Goiânia: EDIPE/UEG/UCG/AEE/CEPED. Disponível em: <http://cepedgoias.com.br/edipe/Iedipe/Gt9/26-o_corpo.htm>. Acesso em 07 de maio de 2023.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, set. dez. 2007.

hooks, bell. **Eros, Erotismo e o Processo Pedagógico**. In: Louro, Guacira Lopes. **Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. 4ª ed., Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2022, pp. 143-156.

INEP. O Censo Escolar 2021. **INEP**, 2022. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/centro_escolar/resultados/2021/apresentacao_coletiva.pdf>. Acesso em 10 de abril 2023.

INEP. Censo da Educação Superior. **INEP**, s/d. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/centro-da-educacao-superior>>. Acesso em 05 de abril de 2023.

INEP. Resultados – Censo Escolar. **INEP**, s/d. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/centro-escolar/resultados>>. Acesso em 04 de abril de 2023.

LIMA, Ricardo Pereira.; FERREIRA, Anselmo Tadeu. As particularidades do conceito “alma” no pensamento de Agostinho. **Revista Horizonte Científico**, vol. 6 Fev.2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/14522/11860>>. Acesso em 10 de abril de 2023.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Clássicos da Comunicação Social. Editora Vozes, edição do Kindle, 2017.

LOPES, E.M.T. **Da sagrada missão pedagógica**. São Paulo: Autêntica, 2017.

LOPES, E.M.T. De Helenas e de professoras. **Teorias e Educação**. Porto Alegre, 1991, n.4, pp.172-176.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Telenovela como recurso comunicativo**. 3ª ed, p. 21-48. São Paulo: Matrizes, Universidade de São Paulo. 2009. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143012785002>. Acesso em 05/04/2023.

LOURO. Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179 p.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In M. Del Priore (Org.), **Histórias das mulheres no Brasil** (pp. 443-481). São Paulo: Editora Contexto. (10ª ed.) 2020

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: Louro, Guacira Lopes. **Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. 4ª ed., Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2022, pp. 9-42.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

MAHAWASALA, Samantha. Carrossel – Professora Helena, estilo retrô inspirado nas princesas modernas. **Fashion Bubbles**, 2012. Disponível em: <<https://www.fashionbubbles.com/estilo/professora-helena-carrossel/>>. Acesso em 03 de abril de 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas, 2.ed., 1993.

MANO El Neto :: Videos VHS. A atriz Gabriela Rivero (Professora Helena) é recebida em Brasília (Plantão Completo) :: 1991. **Youtube**, 2022. disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p9Oq5dLsiUE>>. Acesso em 03 de maio de 2023.

MELLO, Guiomar. **A prática docente na escola de primeiro grau: do amor, acusação e bom senso a competência técnica e vontade política**. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1981.

MINISTÉRIO da Educação. AVAMEC | Valorização dos Professores. **Youtube**, 15 de out. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5B-IFkLuZKU>>. Acesso em 01 de abril de 2023.

MOREIRA, Diego. G. “A gente se liga em você”: reconfigurações da TV Globo em um cenário de convergência midiática. **Galáxia**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/7012>>. Acesso em 05 de abril de 2023.

MORENO, Victor. Atriz fala de guarda-roupa da professora Helena, o mais desejado do SBT. **F5 – Folha de São Paulo**, 2012b. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/1141621-atriz-fala-de-guarda-roupa-da-professora-helena-o-mais-desejado-do-sbt.shtml>>. Acesso em 03 de abril de 2023.

MOTTER, Maria Lourdes; MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. Gênero teledramatúrgico: entre a imposição e a criatividade. **Revista USP**, São Paulo, n. 76, p. 157-166, 2007/2008. Disponível em: <https://www.academia.edu/12341525/G%C3%AAnero_teledramat%C3%BArgico_entre_a_imposi%C3%A7%C3%A3o_e_a_criatividade>. Acesso em: 05 de abril de 2023.

NOVAES, Maria Eliana. **Professora primária - mestra ou tia?** Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1981.

PEREIRA, L. **O magistério primário numa sociedade de classes**. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1969.

PESSANHA, José Américo. Platão: as várias faces do amor. In: NOVAES, Adauto. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Funarte; Cia. das Letras, 1988.

RESULTADO busca por “Segunda Chamada”. **Kantar Ibope Midia**, 2023. Disponível em: <<https://kantaribopemedia.com/?s=segunda+chamada>>. Acesso em 05 de abril de 2023.

RODRIGUES, Guilherme. Veja imagem do elenco de Segunda Chamada, nova série da Globo. **Observatório da TV - UOL**, 2019. Disponível em: <<https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/veja-imagem-do-elenco-de-segunda-chamada-nova-serie-da-globo>>. Acesso em 06 de abril de 2023.

ROSEMBERG, Fúlvia, PIZA, Edith, MONTENEGRO, Thereza. **Mulher e educação formal no Brasil: estado da arte e bibliografia**. São Paulo: INEP, Fundação Carlos Chagas, 1990.

ROSSO, Fabio. Debora Bloch comenta sofrimento de Lúcia com filho morto: 'Marcas profundas em qualquer mãe'. **Gshow**, 2019a. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/series/segunda-chamada/noticia/debora-bloch-comenta-sofrimento-de-lucia-com-filho-morto-marcas-profundas-em-qualquer-mae.ghtml>>. Acesso em 11 de maio de 2023.

ROSSO, Fabio. Debora Bloch celebra repercussão de personagem em 'Segunda Chamada': 'Um dos melhores papéis que fiz na TV'. **Gshow**, 2019b. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/series/segunda-chamada/noticia/debora-bloch-celebra-repercussao-de-personagem-em-segunda-chamada-um-dos-melhores-papeis-que-fiz-na-tv.ghtml>>. Acesso em 12 de maio de 2023.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística Geral**. 32ª edição. São Paulo: Cultrix, 2010.

SAFFIOTI, Helcieth I.B. **A mulher na sociedade de classe: mito e realidade**. Petrópolis, Vozes, 1976.

SCIRE, Raphael. Realista e muito tensa, Segunda Chamada cria problema para a Globo. **Notícias da TV – UOL**, 2019. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/series/realista-e-muito-tensa-segunda-chamada-cria-problema-para-globo-30232?cpid=txt&cpid=txt>>.

SEGUNDA CHAMADA [Seriado] (**temporada 1, eps. 1 a 11**). Direção: Joana Jabace, Pedro Amorim e Henrique Sauer. Produção: Isabela Bellenzan. Brasil: Globo e O2 Filmes, 2019. 1 DVD (41 min.), son., color.

SERRANO-BARQUÍN, Carolina et al. Estereótipos de gênero que fomentam violência simbólica: desnudez y cabellera. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 26(3): e44848, p. 1-14, nov. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/44848/37520>>. Acesso em 07 de maio de 2023.

SILVA, M. V. B. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, jun. 2014.

SILVA, Joanise Levy da. **O professor como personagem na telenovela: identidade docente e interação com a imagem da TV**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em: <https://www.academia.edu/17609006/O_Professor_como_Personagem_na_Telenovela_Identidade_Docente_e_Intera%C3%A7%C3%A3o_com_a_Imagem_na_TV>. Acesso em 05 de abril de 2023.

SOIHET, Rachel. **Condição Feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

THALITA Carauta vive divertida professora em 'Segunda Chamada'. **Gshow**, 2019. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/series/segunda-chamada/noticia/thalita-carauta-vive-divertida-professora-em-segunda-chamada.ghtml>>. Acesso em 15 de maio de 2023.

TV GLOBO. Segunda Chamada: confira a apresentação especial da nova série da Globo. **Youtube**, 2019a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F5q9kbrFolo>

TV GLOBO. Segunda Chamada: conheça a professora Lúcia, personagem de Debora Bloch. **Youtube**, 2019b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5fOoqOLxM1c>

VISÃO geral da série “Segunda Chamada”. Globoplay, 2019. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/segunda-chamada/t/DYpvss7pz5/>>. Acesso em 05 de abril 2023.

XAVIER, Nelson. Ao mestre com carinho: 15 professores inesquecíveis das novelas... **TV História**, 15 de out. 2021. Disponível em: <<https://tvhistoria.com.br/15-professores-inesqueciveis-das-novelas/?cpid=txt&cpid=txt>>. Acesso em 02 de abril de 2023.